



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ-UFPI  
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS  
CURSO: LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

JESSILANE DE SOUSA PEREIRA

**AROMAS E IGUARIAS URBANAS: representações sensíveis do viver cidadão em  
Picos-PI, nas décadas de 1980 e 1990.**

PICOS  
2021

JESSILANE DE SOUSA PEREIRA

**AROMAS E IGUARIAS URBANAS: representações sensíveis do viver cidadão em  
Picos-PI, nas décadas de 1980 e 1990.**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em História, da Universidade Federal do Piauí, Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, como requisito parcial para obtenção de nota.

Orientador: Prof. Dr. Raimundo Nonato Lima dos Santos.

PICOS

2021

**FICHA CATALOGRÁFICA**  
**Universidade Federal do Piauí**  
**Campus Senador Helvídio Nunes de Barros**  
**Biblioteca Setorial José Albano de Macêdo**  
**Serviço de Processamento Técnico**

<b>P436a</b>	<p>Pereira, Jessilane de Sousa</p> <p>Aromas e iguarias urbanas: representações sensíveis do viver citadino em Picos-PI, nas décadas de 1980 e 1990 / Jessilane de Sousa Pereira – 2021.</p> <p>Texto digitado</p> <p>Indexado no catálogo <i>online</i> da biblioteca José Albano de Macêdo- CSHNB</p> <p>Aberto a pesquisadores, com as restrições da biblioteca</p> <p>Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal do Piauí, Licenciatura Plena em História, Picos-PI, 2021.</p> <p>“Orientador: Dr. Raimundo Nonato Lima dos Santos”</p> <p>1. História-Cidades-Cotidiano. 2. Sensibilidades urbanas. 3. Picos-PI. I. Santos, Raimundo Nonato Lima dos. II. Título</p> <p style="text-align: right;">CDD 307.76</p>
--------------	---

*Maria José Rodrigues de Castro CRB 3: CE-001510/O*



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ  
Campus Senador Helvídio Nunes de Barros  
Coordenação do Curso de Licenciatura Plena em História  
Rua Cícero Duarte Nº 905. Bairro Junco CEP 64600-000 – Picos-Piauí  
Fone: (89) 3422 2032 e-mail: [coordenacao.historia@ufpi.br](mailto:coordenacao.historia@ufpi.br)

### ATA DE DEFESA DE MONOGRAFIA

Aos oito (08) dias do mês de julho de 2021, no Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, da Universidade Federal do Piauí, por meio da plataforma digital Google Meet, reuniu-se a Banca Examinadora designada para avaliar a Defesa de Monografia de **Jessilane de Sousa Pereira** sob o título, **Aromas e iguarias urbanas: representações sensíveis do viver citadino em Picos-PI, nas décadas de 1980 e 1990.**

#### A banca constituída pelos professores:

Orientador: Prof. Dr. Raimundo Nonato Lima dos Santos  
Examinador (a) 1: Prof. Dr. José Maria Vieira de Andrade  
Examinador (a) 2: Profa. Esp. Fernanda da Costa de Sousa Santos

Deliberou pela **APROVAÇÃO** do (a) candidato (a), tendo em vista que todas as questões foram respondidas e as sugestões serão acatadas, atribuindo-lhe uma média aritmética de **10,0**.

Picos (PI), 08 de julho de 2021.

Orientador (a): Raimundo Nonato Lima dos Santos  
Examinador (a) 1: José Maria Vieira de Andrade  
Examinador (a) 2: Fernanda da Costa de Sousa Santos



Honro o fechamento deste ciclo dedicando a minha monografia as minha amigas Aline Alves, Ana Ester Matos Silva, Ana Flávia da Silva e Luana Otonio que sempre estiveram ao meu lado compartilhando sua experiência de forma construtiva. Gratidão.

## AGRADECIMENTOS

Minha eterna gratidão aos meus pais Joaquim Alves Pereira e Maria Das Dores Sousa Pereira, pois, sem eles nada disso seria possível. Aos meus irmãos Gabriel Sousa Pereira e Francisco Jedson Sousa Pereira. E aos demais familiares que acreditaram na minha capacidade, como minha tia Leda (Maria das dores Sousa) pelo apoio incondicional, muito obrigada!

Às minhas amigas Ana Flávia, Ana Ester, Luana Otonio e Aline Alves, com quem aprendi muito sobre enfrentar situações difíceis e nunca desistir, mas, também sobre amizade, carinho e respeito.

Sou grata também a Amanda de Sousa Rodrigues pela sua ajuda e contribuições válidas e por mesmo naquelas situações de medo e tensão dizer que “estávamos no mesmo barco”.

Ao meu orientador Prof. Dr. Raimundo Nonato Lima dos Santos, obrigado por acreditar em meu potencial.

A uma mulher que sempre respeitei, e admirei acima de tudo, minha madrinha Raimunda Pinheiro Bento. Minha inspiração desde sempre, acreditou em mim, me instruiu e me ensinou através de seus gestos que eu poderia ser uma mulher brilhante.

Gostaria de agradecer aos meus entrevistados: Arcelino Antônio Ferraz, Douglas Moura Nunes, Manoel Pedro da Luz, Maria Amélia da Silva, Miguel Arcanjo Rocha Amorim e Solimar Caminha, por compartilhar suas experiências e memórias saudosas da juventude, vocês tornaram possível a concretização desse trabalho sendo parte essencial dele. Muito obrigada!

*[..]Destes montes que o cercam, Teu belo nome nasceu. Banhada pelo Guaribas, Deu frutos e floresceu. No centro sul do estado, Logo se desenvolveu.*

*És a Cidade Modelo, Seu povo, batalhador. Terra do mel e do alho, De sol, chuva e calor. E dos frutos que se colhe, Das mãos do agricultor,*

*És a Cidade Modelo,*

*Do comércio em ação. Da feira onde se vende, À vista e a prestação. Camisa, tênis, chapéu, Panela, prato e pilão.*

*Atendendo a demanda, É centro industrial.*

*Usa tecnologia,*

*De selo internacional. Ofertando qualidade, Para o mercado local.*

*Sua gente é devota, Certamente, rica em fé. Vai de perto e de longe, De transporte ou a pé. Fazer prece na matriz, A Jesus de Nazaré[...].*

*Samuel Nascimento*

## RESUMO

Este estudo tem como objetivo discorrer acerca do cotidiano da cidade de Picos-PI, traçar um perfil sensível da cidade, além de desenvolver uma cartografia olfativa e gustativa da “cidade modelo” nos anos 1980 e 1990. A pesquisa foi fundamentada em fontes documentais como, fragmentos de notícias publicadas no jornal *O Macambira*, que esteve em funcionamento paralelamente durante as décadas de 1980 e 1990, que são nosso principal período de estudo. Poesias do mesmo período coletadas no Museu Ozildo Albano também foram utilizadas, além de uma entrevista com um antigo morador da cidade de Picos, o Senhor Manoel Pedro da Luz. Para analisar essas fontes, utilizamos para um diálogo teórico as reflexões de Sandra Jatahy Pesavento (2007), que trata sobre as sensibilidades e sociabilidades dentro do espaço urbano e de Alain Corbin (1987), onde ele demonstra que a persistência em combater os odores fétidos dos espaços privados e coletivos, na Europa dos séculos XVIII e XIX, modificou a maneira como as pessoas se relacionavam, bem como, a arquitetura dos espaços em que essas sociedades se encontravam. A análise das fontes escritas e orais nos permitiu traçar o perfil sensível: gustativo e olfativo da “cidade modelo” da região.

**Palavras-chave:** História e cidades. Cotidiano. Sensibilidades urbanas. Picos-PI.



## ABSTRACT

This study aims to discuss the daily life of the city of Picos-PI, outline a sensitive profile of the city, in addition to developing an olfactory and taste map of the "model city" in the 1980s and 1990s. The research was based on documentary sources such as, fragments of news published in the Journal Macambira, which was in operation during the 1980s and 1990s, which are our main study period. Poetry from the same period collected at the Ozildo Albano Museum was also used, in addition to an interview with a former resident of the city of Picos, Mr. Manoel Pedro da Luz. To analyze these sources, we used the reflections of Sandra Jatahy Pesavento for a theoretical dialogue ( 2007), which deals with sensitivities and sociability within the urban space and Alain Corbin (1987), where he demonstrates that the persistence in combating the fetid odors of private and collective spaces, in Europe in the 18th and 19th centuries, changed the way how people related to each other, as well as the architecture of the spaces in which these societies found themselves. The analysis of written and oral sources allowed us to trace the sensitive profile: taste and smell of the "model city" in the region.

**Keywords:** History and city. Daily. Urban sensitivities. Picos-PI.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 01: Feira livre de Picos - O vendedor de alho.....	21
Imagem 02: Animais nas ruas do centro de Picos.....	24
Imagem 03: Inflação do Brasil no período 1985-1992.....	34
Imagem 04: Mercado Público Municipal.....	40
Imagem 05: O Mercadinho.....	42
Imagem 06: Praça Felix Pacheco.....	43

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>2. AS REPRESENTAÇÕES GUSTATIVAS E OLFATIVAS SOBRE O VIVER URBANO DA CIDADE DE PICOS-PI, NAS DÉCADAS DE 1980 E 1990.....</b>	<b>17</b>
<b>2.1. As representações gustativas.....</b>	<b>17</b>
<b>2.2. As representações olfativas.....</b>	<b>22</b>
<b>2.3. Saneamento básico.....</b>	<b>26</b>
<b>3. CARTOGRAFIA GUSTATIVA E OLFATIVA DO VIVER URBANO DA CIDADE DE PICOS-PI.....</b>	<b>32</b>
<b>3.1. Mercado Público Municipal e o Mercadinho.....</b>	<b>38</b>
<b>3.2. Praça Félix Pacheco.....</b>	<b>42</b>
<b>3.3. Poluição e mau odor: O Açougue Municipal e o Matadouro.....</b>	<b>45</b>
<b>3.4. Espaços de sociabilidade.....</b>	<b>48</b>
<b>4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>50</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>52</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, o estudo histórico das sociabilidades e sensibilidades urbanas vem ganhando destaque entre os historiadores, inspirados na nova história cultural, como é o caso da obra relevante de Sandra Jatahy Pesavento (2007) que trata sobre as sensibilidades e sociabilidades dentro do espaço urbano, e nos mostra que é possível através dos cinco sentidos humanos, percebermos a cidade e o “ar citadino” ao nosso redor, bem como o ethos urbano.

Desse modo, partindo do pressuposto de que a cidade pode ser percebida através das suas expressões não verbais, e dos estudos realizados durante o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), bem como o projeto desenvolvido intitulado “*Sabores e odores urbanos: representações sensíveis do viver citadino em Picos-PI, nas décadas de 1980 e 1990*”, que serviu como base para esse estudo. Passamos então a nos interessar em aprofundar os estudos acerca dessa temática o que levou ao desenvolvimento do presente trabalho intitulado “*AROMAS E IGUARIAS URBANAS: representações sensíveis do viver citadino em Picos-PI, nas décadas de 1980 e 1990*”.

Seguimos uma linha de raciocínio correlacionando os autores que nos serviram de pilares e inspirações para então através das discussões e fontes chegarmos ao cerne de nossa discussão central que são os espaços marcantes de Picos.

Vale ressaltar que estudos com esse tipo de abordagem não são novos, pois historiadores como o francês Alain Corbin (1987), desde o final da década de 1970 dedicam estudos sobre uma história das sensibilidades.

Assim, inspirados em Sandra Jatahy Pesavento (2007) e Alain Corbin (1987), resolvemos analisar as representações urbanas da cidade de Picos-PI, a partir das percepções sensoriais, expressadas por meio de uma memória gustativa, olfativa e imaginária, nas décadas de 1980 e 1990. Nesse mesmo recorte espacial e temporal nossa pesquisa visou também, especificamente, apontar as representações gustativas e olfativas sobre o viver urbano; fazer uma cartografia gustativa e olfativa; e, caracterizar as práticas gustativas e olfativas desenvolvidas nos múltiplos espaços da cidade.

Para alcançar esses objetivos, inicialmente realizamos um estudo bibliográfico sobre a história da cidade de Picos-PI. Dialogamos com as historiadoras Mara Gonçalves de Carvalho (2015), Priscila Moura Ribeiro (2014) e, Maria de Fátima de Moura Santana (2018).

A historiadora Mara Gonçalves de Carvalho (2015), em seu estudo “Picos: história, desenvolvimento e transformação do centro histórico (1970)”, descreve a história da cidade de Picos desde o seu povoamento pela família Borges Leal, passando pela sua elevação a categoria de cidade em 1890, até a década de 1970 quando ocorreram grandes mudanças na cidade e no próprio cotidiano das pessoas, com a crescente urbanização da cidade e dos costumes.

A obra acima citada foi escolhida para um diálogo, com este estudo, por servir como uma biografia da “cidade modelo” e, dela, foi possível retirar diversas informações úteis que nos ajudaram a entender a dinâmica da cidade, especialmente no que se refere aos espaços de sociabilidade dos anos 1970 e que perduraram por outras décadas.

Temos como exemplo, a afirmação de que a Praça Félix Pacheco se constituiu como um local de sociabilidade, entre diversos grupos sociais e, de sensibilidades, pois, como Mara Gonçalves de Carvalho aponta em seu trabalho, a praça servia também como local de conhecer novas pessoas e formar relacionamentos e intimidades.

Assim como a referida praça, outro local muito importante para os picoenses, nos primeiros anos de povoamento, ao contrário do que ocorre atualmente, foi o rio Guaribas que serviu tanto de espaço para trabalhar, quanto socializar e até namorar.

Dessa maneira o rio Guaribas durante muito tempo serviu como um ímã para povoar a cidade além de que graças a ele, gêneros agrícolas como, o alho, foram protagonistas para desenvolver o comércio da cidade de Picos (CARVALHO (2015).

Dados os exemplos dos espaços de sociabilidade de Picos foi possível refletir a modificação desses espaços tanto físico quanto no imaginário popular, pois, este lugar sensível, ou seja, “o imaginário”, é que nos permite buscar os sabores e odores que a Picos dos anos 1980 e 1990 teve.

Priscila Moura Ribeiro (2014) discute os espaços de sociabilidade da juventude picoense durante a década de 1980. Ela cita a Praça Félix Pacheco, a igreja Matriz e o Cine Spark como tendo sido locais de sociabilidade dos jovens picoenses da época. A autora nos ajudou a pensar juntamente com Mara Gonçalves de Carvalho (2015) a dinâmica dos espaços de sociabilidade picoenses.

Desse modo percebemos a importância, especificamente da Praça Félix Pacheco, através do estudo de Mara Gonçalves de Carvalho (2015), Priscila Moura Ribeiro (2014) e de Maria de Fátima de Moura Santana (2018) que trata sobre os aspectos sensíveis, mas, também físicos dessa praça nos anos de 1990. Esta última pesquisadora demonstra como as mudanças

físicas sofridas pela Praça Félix Pacheco nos anos de 1970 até 1990 acarretaram mudanças nas representações de sociabilidades.

Percebemos como através dos anos, as mudanças urbanas e de costumes das pessoas que viviam na cidade, afetaram os espaços em que essas gentes estavam inseridas e, conseqüentemente, a nossa percepção com relação aos espaços memoráveis de Picos, bem como seus cheiros e sabores.

Nesse sentido, questionamos: Será que o centro de Picos nos anos 1970 e 1980 cheirava a pipoca graças ao Cine Spark? Será que as pessoas que frequentavam a Praça Félix Pacheco poderiam dizer que o cheiro de pipoca era predominante? E será que se formavam mesmo namoros e até casamentos graças aos encontros e momentos de sociabilidade nessa praça? A partir desses questionamentos, pontuamos as questões norteadoras de nosso trabalho que nos auxiliaram na busca pelos sabores e odores de Picos, nos anos 1980 e 1990. Assim, indagamos: Quais as representações urbanas da cidade de Picos, dos anos 1980 e 1990, estão presentes na memória de seus moradores? Quais os gostos e cheiros representavam a cidade de Picos, nesse período? Quais eram os principais espaços de sociabilidade dessa urbe? Quais eram as práticas gustativas e olfativas desenvolvidas nos múltiplos espaços da cidade?

Para responder esses questionamentos fizemos uso de fontes hemerográficas como os fragmentos do jornal *O Macambira* de 1978, 1980, 1981; poesias contidas nos livros “Perdi meu tempo”, de Francisco de Moura Barbosa (1976), “Das pedras aos picos”, de Ozildo Batista de Barros (1984), “Enigma”, de J. Erivelto M. de Souza (1995) e, “Mutação”, de Heraldo Santos (1985), Genilda Barbosa e Mundica Fontes. Nosso estudo também se fundamentou em fontes orais. Entrevistamos Arcelino Ant nio Ferraz<sup>1</sup>, Douglas Moura Nunes<sup>2</sup>, Maria Amélia da Silva<sup>3</sup>, Miguel Arcanjo Rocha Amorim<sup>4</sup>, Manoel Pedro da Luz<sup>5</sup> e

---

<sup>1</sup>O senhor Arcelino Ant nio Ferraz é natural de Picos, tem 67 anos,   açougueiro e, por muitos anos, trabalhou no Açougue Municipal de Picos. Ele relata que desde pequeno já ajudava seu pai que também tinha a mesma profissão. Como o Açougue se constituiu um espaço tanto de sabores e odores para os nossos entrevistados como para nós dentro desse estudo, assim se faz relevante   contribui o do senhor Ferraz.

<sup>2</sup> Douglas Moura Nunes, picoense de 70 anos, hoje em dia aposentado, já foi locutor da rádio Difusora na década de 1980, também   escritor, repórter, além de muitas outras atividades. Douglas Nunes também gosta de se aventurar e escrever poesias, por isso, achamos ser interessante trazer a perspectiva de um olhar mais “sensível” da cidade através de Nunes.

<sup>3</sup> Maria Amélia da Silva, de 72 anos, que trabalhou durante as décadas de 1980 e 1990 como cozinheira no Mercado Público se faz necessária para tentarmos desvendar e fazer suposi es pertinentes aos sabores e odores de Picos bem como do espaço de sociabilidade que foi e   o Mercado.

<sup>4</sup> Miguel Arcanjo Rocha Amorim, tem 81 anos, e   motorista aposentado. O senhor Amorim trabalhou desde a década de 1970 até os anos 2000 como motorista do caminhão que recolhia o lixo da cidade de Picos, inclusive seu filho também trabalha no mesmo ramo hoje em dia. O senhor Miguel Amorim nos ajudou a entender a respeito da sujeira da cidade de Picos no nosso recorte temporal.

Solimar Caminha<sup>6</sup>.

Para analisar essas fontes dialogamos com autores que desenvolvem estudos teóricos sobre a temática de cidades, memória e história oral. Para estudarmos o tema *idades e sensibilidades* foi imprescindível dialogar com alguns autores relevantes para nossa discussão. São pesquisadores que em muito contribuíram com a temática de nossa pesquisa e nos fizeram refletir sobre o olhar que temos para coisas e temas que podem parecer estáticos, porém não são, ganham novas formas a cada nova discussão e estudo lançado.

A historiadora Sandra Jatahy Pesavento (2007) no texto “Cidades sensíveis, cidades visíveis e cidades imaginárias” que trata sobre as sensibilidades e sociabilidades dentro do espaço urbano, nos mostra que é possível através dos cinco sentidos humanos percebermos a cidade e o “ar citadino” ao nosso redor, bem como o ethos urbano. Ou seja, nas palavras dessa historiadora o comportamento tipicamente citadino.

Desse modo, partindo do pressuposto de que a cidade pode ser percebida através das suas expressões não verbais podemos perceber o mundo dos cheiros e sabores da cidade de Picos que podemos enxergar e explorar.

Para nos ajudar a enxergar a urbe picoense tanto como espaço de sensibilidades e sociabilidades, e não apenas como um recorte espacial concreto, como lembra a autora acima citada, utilizamos o estudo de Alain Corbin (1987) “Saberes e odores: O olfato e o imaginário social nos séculos XVIII e XIX”.

O referido historiador francês demonstra que a persistência em combater os odores fétidos dos espaços privados e coletivos, na Europa dos séculos XVIII e XIX, modificou a maneira como as pessoas se relacionavam, bem como a arquitetura dos espaços em que essas sociedades se encontravam.

A cidade teve destaque em seu trabalho, pois, Alain Corbin mostra como o espaço urbano sofreu total modificação com a incessante luta contra a “desodorização” e como envolveu tanto políticas públicas quanto privadas para o “extermínio de tudo que é pútrido”.

Ocorreram, por exemplo, o alargamento de ruas, arejamento de locais públicos, onde geralmente aglomeravam muitas pessoas, as casas passaram a ter mais janelas, a ter divisão de

---

<sup>5</sup> O senhor Manoel Pedro da Luz, 63 anos, é morador do bairro Ipueiras, na cidade de Picos-PI, desde os 17 anos. Trabalhou boa parte de sua vida como Agente da SUCAM (Superintendência de Campanhas de Saúde Pública). Segundo ele, iniciou no cargo em meados dos anos de 1980 e se aposentou recentemente. O senhor Manoel trabalhou em campanhas de saúde dedicadas ao combate de doenças como a esquistossomose e doença de chagas, muito comuns em Picos na década de 1980 e 1990. Vale ressaltar que a esquistossomose é causada, muitas vezes, pela escassez de saneamento ou falta de acesso a água potável. Por isso achamos necessário trazer o seu depoimento para o presente trabalho.

<sup>6</sup> Solimar Caminha, de 52 anos, trabalhou tanto no mercado Público desde a década de 1980, até os dias atuais, como também trabalha como apicultor.

cômodos, bem como as relações interpessoais, também sofreram alterações como cheiro ou a “falta dele” passaram a ser símbolo de distinção social ou passaram a designar simpatia de antipatia.

A modificação do espaço urbano também pôde ser percebida por nós através do estudo de Roberto Lobato Corrêa (1989) e os vários usos do espaço urbano que o autor destaca. O diálogo com esse estudo nos ajudou a perceber as áreas residenciais de Picos povoadas e divididas de acordo com as classes sociais como o morro da Mariana (mais ricos) e a “encosta” (mais pobres).

Assim como também identificamos os moradores da “encosta” como sendo sujeitos subversivos à ordem, ao habitar regiões impróprias da cidade, o que nos recordou o sujeito ordinário de Michel de Certeau (2008). O sujeito subversivo de Certeau, que nas suas caminhadas pela cidade acaba que escrevendo a sua história, nos ajudou a perceber como os cidadãos estão sempre a escrever a história da cidade e de forma muitas vezes inconsciente e subversiva.

Para estudarmos a temática de história e memória dialogamos com Jacques Le Goff (1990), Michael Pollak (1989) e, Mariana Corção (2010). O autor Jacques Le Goff (1990), em “História e Memória” contribui para nosso estudo nos fazendo perceber que a memória é um importante mecanismo de controle social que não costumamos nos atentar. Pois as memórias sociais individuais são inúmeras e plurais.

No entanto, a memória coletiva é “enquadrada” para se tornar a memória oficial dos seres na história. Isso faz com que a memória esteja sempre sendo alvo de disputas sociais, pois, “Tornarem-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas” (LE GOFF, 1990. p. 408).

Desse modo o estudo de Le Goff se configurou importante para nosso estudo nos lembrando que na memória coletiva da cidade de Picos poderia conter diversas histórias e memórias individuais que podem ter sido silenciadas.

Michael Pollak (1989) em “Memória Esquecimento e Silêncio” tenta mostrar como a memória dos indivíduos é um importante instrumento a ser utilizado pelo pesquisador e/ou historiador, pois, essas memórias sociais individuais terminam muitas vezes em contribuir para contestação de fatos questionáveis da memória coletiva e, conseqüentemente, da identidade coletiva de um povo e de uma região.

Esse sociólogo francês Aponta ainda como muitas vezes o silêncio do depoente “diz” muito sobre o sentimento que aquela memória o causa. Esse apontamento de Pollak nos



ajudou a perceber como é importante estar atento aos detalhes quando se trabalha com história oral, bem como até mesmo com o *não dito*, pelo entrevistado (a). Ou seja, com o silêncio e com o sentimento que ele transpassou quando o fez.

Para fazer um diálogo mais direto sobre os sabores de Picos utilizamos a obra “O Folclórico Bar Palácio e os tempos da memória gustativa” de Mariana Corção (2010). A autora fala como o Bar Palácio em Curitiba-PA era um importante espaço de sociabilidade da cidade e como ainda permanece vivo e querido na memória de seus antigos frequentadores. Ela ressalta que os pratos típicos do bar Palácio ativavam a rememoração de experiências e lembranças vividas pelos seus frequentadores.

O texto de Mariana Corção (2010) nos auxiliou a perceber a importância da memória gustativa quando se trabalha com sensibilidades urbanas. Nos ajudou a entender também como o exercício de ativação da memória gustativa desperta experiências cotidianas vividas em espaços de sociabilidades do passado. Ou seja, passamos a perceber que o uso da memória gustativa configura-se como um importante objeto de estudo do historiador.

Para ancorar a discussão dentro do espaço de estudo de cidades e de sensibilidades urbanas foi necessário adentrarmos no universo da história oral. A história oral causa muitas divergências e discussões.

A historiografia mais tradicional reconhece como de maior valor as fontes escritas e ainda tem receio de utilizar a fonte de história oral vendo-a muitas vezes apenas como complementar da fonte escrita ou até mesmo questionando se seria ela uma técnica ou procedimento.

O fato é que desde influência da “Nova história” proposta pela terceira geração da Escola dos Annales, a história oral vem ganhando mais espaço de fala. No Brasil, principalmente, após a década de 1970, porém a história oral ainda é por vezes marginalizada, e muitas vezes tendo sua importância desconhecida sobre o quanto tem se escrito sobre ela como destaca Sônia Freitas (2006), em “História oral: possibilidades e procedimentos”.

A referida obra nos auxiliou a pensarmos e executarmos procedimentos necessários para a utilização da história oral em nosso trabalho, bem como nos fez perceber como a história oral é importante tanto quanto a fonte escrita, pois, a memória dos indivíduos se constitui um campo rico a ser explorado pelo pesquisador.

Em suma, ao fim de nosso estudo, poderemos apontar os sabores e odores que foram marcantes na cidade Picos nas décadas alvo de estudo, 1980 e 1990, e como Picos era vista e representada pela sociedade dessa época.

De acordo com J. Erivelto M. de Souza (1995), por exemplo, a “cidade modelo” tinha cheiro de cebola e alho o que poderia significar que o alho e a cebola também era um marcante sabor na cidade. Já para Heraldo Santos (1985) “o odor de sujeira da cidade” era o que mais predominava.

Nosso trabalho subdivide-se em dois capítulos. No primeiro, intitulado **“As representações gustativas e olfativas sobre o viver urbano da cidade de Picos-PI, nas décadas de 1980 e 1990”** discutimos como a urbe picoense era representada, tanto na literatura, através de autores locais, como em veículos de comunicação, como o jornal *O Macambira*.

Discorreremos acerca também da questão da falta de saneamento básico na cidade que afetava a representação dos odores sentidos e retratado pelos picoenses. Dessa maneira analisamos variadas fontes em busca dessas representações da cidade que a destacava como sendo a cidade com cheiro e sabor de cebola e alho, como citado por Souza (1995) e a cidade que exalava odor de sujeira, como retratado por Santos (1985).

No segundo capítulo intitulado **“Cartografia gustativa e olfativa do viver urbano da cidade de Picos-PI”** mapeamos como tendo o caráter de espaço de sociabilidade e de experiências gustativas e olfativas, a Praça Félix Pacheco e o chamado “Mercadinho”. Além desses espaços, discutimos os sabores comumente consumidos na cidade de Picos bem como o consumo, ou não, de alimentos, como, a carne, que estava ligado à condição econômica do indivíduo devido à crise inflacionária que aumentava constantemente os preços, crise essa, também abordada por nós. E como o consumo de outros alimentos como o alho e a cebola eram populares devido ao cultivo e a comercialização na feira popular da cidade.

## **2. AS REPRESENTAÇÕES SOBRE O VIVER URBANO DA CIDADE DE PICOS-PI, NAS DÉCADAS DE 1980 E 1990**

Abordamos nesse capítulo inicialmente acerca da memória gustativa, dialogando com autores relevantes para esse estudo. Discutimos as representações sobre o viver urbano na cidade de Picos e como a urbe era vista pela ótica de seus cidadãos, no tocante, principalmente, aos seus espaços de sociabilidade e de impressões gustativas e olfativas.

Não pudemos deixar de notar, por exemplo, o marcante papel do alho e da cebola no cenário citadino picoense. Também se fez relevante abordar o saneamento da cidade que era alvo de muitas críticas dos seus moradores, pois, afetava diretamente múltiplos aspectos da urbe como: a estética, a saúde e o odor. O importante programa “Campus avançado” que faz parte do “Projeto Rondon” também foi discutido por nós nessa parte do texto.

### **2.1. As representações gustativas**

A historiadora Mariana Corção (2010) destaca que a rememoração de acontecimentos pode ser invocada pelo ato da alimentação que envolve uma ação que não é tão “mecânica” como estamos acostumados a pensar. Ela afirma ainda que,

A memória gustativa ultrapassa a experiência singular na medida em que está associada ao cotidiano dos indivíduos, das pessoas e dos grupos. Alimentar-se, no contexto de estudos da História e Cultura da Alimentação, é entendido como uma ação que engloba diversos aspectos sociais, tais como nutrição, economia, tradição, inovação, costumes, hábitos, sociabilidade. (CORÇÃO, 2010. p. 64).

A memória gustativa, ou seja, a memória que vem à nossa cabeça quando comemos algo e instantaneamente vem à nossa mente a lembrança de uma situação do passado, como bem lembra a autora, é algo que vai muito além de ser apenas uma experiência individual. Memórias individuais sobre um mesmo prato de uma mesma região, em uma determinada época, formam uma experiência coletiva. Porém, em se tratando de discutir a memória gustativa não podemos deixar de tocar no ponto do que se constitui a memória em si, evocando Michael Pollak,

A priori, a memória parece ser um fenômeno individual, algo relativamente íntimo, próprio da pessoa. Mas Maurice Halbwachs, nos anos 20-30, já havia sublinhado que a memória deve ser entendida também, ou sobretudo, como um fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno construído

coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes. (POLLAK, 1992. p. 2).

Embora o autor esteja se referindo a memória de forma geral, a ideia acima citada serve também para essas memórias conectadas ou memórias gustativas coletivas que podem caracterizar a representação de “sabor” que aquele local tem, segundo aqueles comensais.

Ao analisarmos as nossas variadas fontes – como fragmentos de notícias publicadas no jornal *O Macambira*, em edições veiculadas em 1978 e 1981, os livros “Picos: Os verdes anos Cinquenta” de Renato Duarte (1995), “Perdi meu tempo” de Francisco de Moura Barbosa (1976), “Das pedras aos picos” de Ozildo Batista de Barros (1984) e poesias retiradas dos livros “Enigma” de J. Erivelto M. de Souza (1995) e “MutaçãO” de Heraldo Santos (1985); Genilda Barbosa e Mundica Fontes, coletadas no Museu de Picos (Museu Ozildo Albano); entrevista oral com a senhora Maria Amélia da Silva (2021) – compartilhamos da ideia de que temos “[...] a possibilidade de recuperar reminiscências através do despertar sensorial ocasionado por pratos que viabilizam o reconhecimento de tempos passados experimentados pelo indivíduo, fenômeno que constitui a memória gustativa, [...]” (CORÇÃO, 2010. p. 73) e também a olfativa.

Como é de nosso conhecimento, através da análise do estudo de Mara Gonçalves de Carvalho (2015), a cidade de Picos teve muitas nomenclaturas “populares” ou “não oficiais” ao longo dos anos e, todas elas, dizem muito sobre o momento histórico que a cidade estava vivendo. O título de “Capital do alho” vem da grande comercialização e produção desse produto na cidade de Picos, graças às plantações no leito do rio Guaribas, desde antes da década de 1950 e, perdurou, pelo menos até a década de 1980, pelo que pudemos constatar segundo nossas fontes citadas acima, como Renato Duarte (1995) e Mara G. de Carvalho (2015).

De acordo com Ozildo Batista de Barros (1984) os picoenses não esperavam a oferta de empregos formais, eles criavam suas próprias formas de renda, seja na feira (uma das maiores do nordeste, segundo o autor) que só foi crescendo cada vez mais, a partir de 1970, ou no rio Guaribas com as plantações de alho e cebola que era uma cultura mais forte e marcante entre 1940/1960.

Para o referido autor os picoenses se configuram como um povo corajoso e que impulsiona o seu próprio crescimento e o da sua cidade. Para ele, a feira livre é um exemplo claro de como os picoenses são um povo trabalhador e que almeja crescimento, e como também são inteligentes por aproveitar o rio Guaribas para as plantações de alho e cebola.

Através de um poema lançado em 1995, no livro “Enigma” de J. Erivelto M. de Souza (1995) que coletamos no Museu Ozildo Albano, foi possível perceber a percepção do autor sobre o cheiro da cidade de Picos. Intitulado “Picos dos Borges Leal”, nesse desabafo poético ele faz uma comparação entre o viver “disciplinado” de outrora com a “agitada correria de agora”.

Do viver disciplinado de eras antes vividas a agitada correia de agora o mesmo solo querido. Do pico alto e seco que apazigua o calor do transeunte cansado que se embriaga do odor Odor bom da cebola verde do alho ainda na puberdade que prostrado no leito guaribas é sustento, e vida fato. Vida de homem simples e reto que reza para a chuva cair que não cai em pranto se ela não vier e que nunca perde a esperança por dias melhores a vir. E que segue na labuta eterna e dura de gente desceite e honesta que habita por gerações a terra dos Borges Leal, hoje em Picos-Piauí. (SOUZA, 1995. p. 73).

Na visão do poeta J. Erivelto M. de Souza – vale destacar que essa visão do autor é uma das várias que poderiam existir ao mesmo tempo acerca da urbe – a cidade de Picos estava passando por mudanças estruturais, ganhando características mais urbanas que já se podia perceber no costume e na “correria” das pessoas. Isso corrobora com o apontamento de Maria de Fátima Santana quando ela diz, “[...] os espaços públicos passam por inúmeras alterações conforme a época, o local e a cultura vigente” (SANTANA, 2018, p.12).

Isso nos faz perceber uma das representações do cotidiano da cidade de Picos, o que indica que a cidade antes pacata e rural estava sofrendo algumas mudanças que afetavam a todos. Isso nos remete, por exemplo, a discussão de Alain Corbin (1987) em que o autor fala que a constante busca pela desodorização acabou resultando em mudanças nos espaços físicos na França, nos séculos XVIII e XIX, como o alargamento de ruas e a divisão de cômodos nas residências, além destas passarem a ter mais janelas, para arejar os ambientes e “desodorizá-los”. Claro que devemos levar em consideração a diferença obvia espaço temporal entre as cidades citadas. Picos na época em questão (1980 e 1990), era uma cidade interiorana dando seus primeiros passos para a urbanização, e não o “entroncamento rodoviário” como é conhecido hoje. Enquanto isso várias cidades francesas no século XIX já eram consideradas desenvolvidas.

Além de exaltar a questão da correria, o poeta J. Erivelto M. de Souza (1995) também deixa escapar no poema o cheiro que predominava na cidade, naquele momento. Segundo sua percepção pessoal que era “o odor bom de cebola verde e do alho ainda na puberdade”.

Esse trecho do poema que ressalta o cheiro de cebola e alho nos lembra do cotidiano das plantações de alho e cebola no leito do rio Guaribas que era uma cultura bem forte na cidade de Picos desde os anos 1950, segundo Mara Gonçalves de Carvalho (2015).

A autora Sandra Jatahy Pesavento (2007) diz que “A cidade sempre se dá a ver, pela materialidade de sua arquitetura ou pelo traçado de suas ruas, mas também se dá a ler, pela possibilidade de enxergar, nela, o passado de outras cidades, contidas na cidade do presente” (PESAVENTO, 2007, p. 16).

Contudo às vezes alguns fatores podem atrapalhar nossa “leitura da cidade” como lembra Priscila Ribeiro:

Devido à intensa ação humana, o processo de modernização e urbanização das cidades ofuscam outras tantas cidades que se escondem no olhar leigo de um cidadão. Com a dinâmica desse processo urbanístico vão surgindo novas necessidades, que implicam na arte da convivência e da sociabilidade (RIBEIRO, 2014, p. 12).

Por isso é importante ter um olhar sensível para as “múltiplas cidades” dentro do espaço físico que chamamos de cidade de Picos, para poder justamente “ler” a urbe nas entrelinhas.

Vale lembrar que o poema que falamos anteriormente, de J. Erivelto M. de Souza, (1995) é da década de 1990, o que pode indicar a continuidade da prática de plantação do alho e cebola em Picos, pois, como ressalta Sandra Pesavento o historiador pode utilizar a habilidade de evocar a força do imaginário, por que ele é capaz de dar a ver e ler a temporalidade transcorrida (PESAVENTO, 2007, p. 16).

O odor de cebola e alho na cidade de Picos, que faz questão de destacar o autor J. Erivelto M. de Souza (1995) era marcante pelo fato de que a cultura de plantação e venda desses produtos, constituía-se como uma das principais atividades econômicas da urbe. Outra atividade econômica de destaque em Picos foi a cultura do algodão na década de 1980, fato esse evidenciado pelo livro “Uma visão do campus avançado” (BRASIL, 1980) de organização e autoria do Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras e Fundação do projeto Rondon.



**Imagem 01:** Feira livre de Picos – O vendedor de alho.  
**Fonte:** FOTO VARÃO..., 2016.

A figura acima (imagem 01) apresenta a “feira do alho” de Picos e as pessoas em volta movimentando o centro da cidade. A fotografia de acordo com a página da mídia social, Facebook, “Foto Varão – Memórias” foi tirada nos anos 1960/1970, que apesar de não ser nosso recorte temporal se fez pertinente, pois, com o cruzamento com outras fontes a que tivemos acesso, como: Renato Duarte (1995), “Perdi meu tempo” de Francisco de Moura Barbosa (1976), “Das pedras aos picos” de Ozildo Batista de Barros (1984) e poesias retiradas dos livros “Enigma” de J. Erivelto M. de Souza (1995) e “Mutação” de Heraldo Santos (1985); Genilda Barbosa e Mundica Fontes, coletadas no Museu de Picos (Museu Ozildo Albano); entrevista oral com a senhora Maria Amélia da Silva (2021). Vimos que houve uma continuidade da prática e cultura do alho e cebola pelo menos nas décadas seguintes 1980 e 1990.

Ao cruzarmos essa fonte iconográfica com o poema acima citado de J. Erivelto M. de Souza (1995) cremos que a fotografia mostra uma experiência cotidiana picoense que se estendeu até as décadas de 1980 e 1990, pois, como corrobora os relatos de nossos entrevistados como da senhora Maria Amélia da Silva (2021) que trabalhou no Mercado Municipal vários anos como cozinheira, ela relembra:

Tinha muito vendedor de alho, daquela cebola branca, que era tudo daqui da Impueiras (sic) que tinha muita gente que fazia aqueles canteiro no rio e dava muito alho nesse tempo, muito mesmo, aí eu conhecia uns homens que

eles eram do Ceará, eles vinham na quarta-feira a noite passava a quarta feira a noite, a quinta a sexta, aí eles iam embora no sábado, eles tinham contrato com os cabas aqui da Impueiras (sic), aí eles levavam os caminhões, eles vinham com os caminhões com frutas de lá do Crato: banana, é abacaxi, era a laranja era aquele tal de amendoim, essas coisas, aí quando era na volta eles levavam alho, pra não voltar vazio eles compravam alho, contratavam esse povo aqui da Impueiras e levava o alho, os caminhão de alho pra lá, eu lembro disso aí muito (sic) (Maria Amélia da Silva, 2021).

Tendo em vista a imagem do vendedor de alho e fala da senhora Amélia Silva que não só reafirmam a importância do alho na cidade de Picos como também corroboram uma com a outra, temos na imagem um dos possíveis retratos do cotidiano picoense. Além disso na imagem podemos ver uma grande quantidade de alho exposto que pudemos supor que não só era um alimento/tempero ou um sabor, por assim dizer, muito procurado e consumido em Picos, como também certamente deixava seu cheiro marcante e característico no ar. Ademais no depoimento da nossa entrevistada também temos indícios da grande quantidade de alho plantada e colhida na cidade que não só abastecia a cidade de Picos como também tinha quantidade suficiente para comercializar o produto com outros estados, como o Ceará.

De acordo com as fontes analisadas como fragmentos de notícias publicadas no jornal *O Macambira* em edições veiculadas em 1978 e 1981, os livros “Picos: Os verdes anos Cinquenta” de Renato Duarte (1995), “Perdi meu tempo” de Francisco de Moura Barbosa (1976), “Das pedras aos picos” de Ozildo Batista de Barros (1984) e poesias retiradas dos livros “Enigma” de J. Erivelto M. de Souza (1995) e “Mutação” de Heraldo Santos (1985); Genilda Barbosa e Mundica Fontes, coletadas no Museu de Picos (Museu Ozildo Albano); entrevista oral com a senhora Maria Amélia da Silva (2021), poderíamos dizer que a cidade de Picos, nas décadas de 1980 e 1990, poderia ser descrita como uma urbe que cheirava à sujeira e esgoto e tinha gosto de alho e cebola.

## **2.2 . As representações olfativas**

Em outro poema publicado em 1985 de autoria de Heraldo Santos (1985), intitulado “Picos” o autor ressalta “o odor de sujeira da cidade”. Nesse desabafo poético, o autor revela o sentimento pela cidade e pelo povo que vive nela, bem como as angústias, o descontentamento com o odor da sujeira que exala na urbe a ponto de incomodar tanto ele que faz uma espécie de denúncia dessa situação desagradável. O odor da cidade de Picos parecia ser tamanho que incomodou Heraldo Santos que extravasou em seu poema o sentimento de descontentamento com essa situação:



Cidade tristonha no seu seio a calar! Tantas angústias e paixões na corrente do ar! O odor da sujeira o poder da riqueza miseráveis sem condições... estampa de fome pela terra natal vidas carentes! Percorrem correntes sobem montanhas peladas vivem ferradas no tronco de uma raiz. (SANTOS, 1985. p. 35).

Levando em consideração esse poema citado e um editorial do jornal *O Macambira* de 1981 (SANEAMENTO BÁSICO, 1981. p. 2), que veremos mais detalhadamente adiante, podemos imaginar o quão desagradável era o odor que exalava da urbe picoense que tinha esgotos a céu aberto. Podemos dizer que tanto Heraldo Santos, como o referido editorial, tinham não apenas a intenção de denunciar o mau cheiro, mas também ansiavam pelo extermínio dos maus odores.

Fazendo o exercício de rememoração do qual Mariana Corção (2010) trata em seu texto recordamos do “extermínio de tudo que é pútrido” de Alain Corbin (1987) que trata da constante busca de destruição dos odores pútridos presentes nas cidades e nas pessoas, que a sociedade francesa do século XVIII e XIX passou. A ideia era que os miasmas, ou seja, a podridão que exalava no ar da cidade causava doenças e podia chegar até a matar pessoas.

Diante disso as pessoas começaram a buscar constantemente estarem sempre bem perfumadas para esconder os cheiros naturais, buscaram que os espaços fossem maiores e mais arejados. No entanto, logo a obsessão dos perfumes deu lugar à desodorização, ou seja, não ter cheiro algum, era o desejável.

Desse modo talvez os picoenses estivessem buscando o extermínio dos odores também em Picos assim como ocorreu na França nos séculos XVIII e XIX, não com a mesma intensidade certamente, mas ainda assim buscavam alteração daquele cenário desagradável.

É pertinente apontar que o odor de sujeira retratado no poema de Heraldo Santos (1985) era tanto de água de esgotos, como de lixo jogado nas ruas (pois como veremos a seguir o saneamento básico de Picos era deficiente) e, de fezes de animais, como o jumento ou cavalo que as pessoas ainda utilizavam para se locomover na cidade ou para puxar carroças.

## CAPÍTULO V

### Das medidas referentes aos animais

Artº 94 - É proibida a permanência de animais nas vias públicas.

Artº 95 – Os animais encontrados nas ruas, praças, estradas ou caminhos públicos serão recolhidos ao depósito da municipalidade. [...]

Parágrafo Único – Não sendo retirado o animal neste prazo deverá a prefeitura efetuar sua venda em hasta pública, precedida da necessária publicação.

Artº 97 – É proibida a criação ou engorda de porcos/ no perímetro urbano da sede municipal. (CÓDIGO..., 1987, p. 16).

Como tomamos conhecimento através do fragmento acima que está contido no Código de Postura do Município de Picos do ano de 1987 era proibido o trânsito de animais de qualquer tipo pelo perímetro urbano, pois essas medidas que formam esse código de postura dos cidadãos para com a cidade, é justamente para promover o bem estar social, bem como a preservação da higiene pública, de ruas estabelecimentos e etc. No entanto, veremos que essas medidas existiam na teoria, mas, na prática não era o que acontecia.

Pois como sabemos através dos estudos de Mara Gonçalves de Carvalho (2015) o rural e o urbano ainda se misturavam em Picos na década de 1970 e, essa prática de utilizar dos animais e mantê-los na cidade perdurou até os anos 1990.



**Imagem 02:** Animais nas ruas do centro de Picos, em 1983.

**Fonte:** SOLTARAM..., 1983.

A figura acima (imagem 02) é de uma edição de 28 de fevereiro de 1983 do jornal Macambira em que é destacada a situação dos animais no meio das ruas da cidade de Picos em meio a veículos e pedestres. Tal imagem corrobora o que apontamos anteriormente que em Picos o rural e o urbano andavam lado a lado, disputando espaço, como o cavalo e o automóvel da foto.

O conjunto de leis comportamentais do coletivo não era obedecido, e tão pouco parecia haver denúncias relacionadas a isso, pois ao que parece era uma prática coletiva, também não encontramos em nossas pesquisas, nem nossos entrevistados descreveram qualquer menção relacionada a alguma denúncia ou reclamação com relação aos animais que apesar de ajudar a população no carregamento de cargas, contribuíam e muito para a poluição da cidade.

Essa mesma matéria acima da qual a imagem foi retirada e discutida acima, destaca ainda que Picos é uma cidade “crescida” que tanto podemos subtender que está se colocando Picos como uma cidade “em desenvolvimento”, como, por exemplo, as mudanças no sentido de urbanização que relata Mara G. de Carvalho (2015) que estavam ocorrendo na década de 1970, como Picos sendo uma cidade “crescida” no sentido de tamanho/espaco geográfico, em expansão, mas que ainda não abandonou esse costume rural e que ao que parece isso estava atrapalhando mais que ajudando e parecia um problema de difícil solução. Isso nos lembra o que o senhor Solimar Caminha falou a respeito da urbe picoense,

Picos evoluiu muito pouco, eu faço como diz um, um professor que a gente tinha aqui em Picos (sic) um ótimo professor uma pessoa ilustre o senhor José Martins Leal ele era até advogado (sic) lecionava na cidade de Fortaleza, [palavra inaudível] ele dizia que Picos não crescia Picos inchava e ainda hoje continua do mesmo jeito. (Solimar Caminha, 2021).

O comentário do senhor Caminha é interessante, pois, percebemos que apesar da cidade de Picos ter crescido, na visão do nosso entrevistado, ela não se desenvolveu satisfatoriamente como poderia e sim apenas “inchou”, dando a aparência de uma “grande”, mas ainda com problemas de natureza de cidade pequena.

Tomamos conhecimento através de um editorial do jornal *O Macambira* de 31/08/1981, que também havia deficiência nas prestações de serviço de saneamento básico em Picos nas décadas de 1980 e 1990, como fornecimento de água potável, do sistema de esgotos, índice de poluição da cidade além de descarte incorreto dos detritos no rio Guaribas.

Para deixar claro, o editorial de um jornal é o espaço destinado a apresentar a posição daquele veículo de informação ou do editor chefe, sobre determinado assunto discutido na matéria. Dessa forma o editorial de 1981 do jornal *O Macambira* estava denunciando a situação precária do saneamento de Picos, e cobrando uma atitude por parte do poder público. Vale ressaltar que o jornal *O Macambira* era do programa “campus avançado” que fazia parte do Projeto Rondon.

### 2.3. Saneamento básico

O projeto Rondon foi uma iniciativa da universidade brasileira do Rio de Janeiro junto ao Ministério da Educação e Cultural com a participação também de especialistas em educação, no ano de 1966 após uma reunião entre esses órgãos. (NOSSA HISTÓRIA, [s.d.]

A ideia era que jovens universitários conhecessem a realidade brasileira e que a universidade e a sociedade se aproximassem para que lado a lado tentassem achar soluções ou alternativas contra os problemas sociais existentes dentro de cada comunidade.

A missão inaugural foi em 11 de julho de 1967 e contou com 30 universitários e um professor que partiram com destino a Rondônia, lá passaram 28 dias. A experiência proporcionou aos jovens uma experiência inovadora que gerou sentimento de mudança e transformação e, os mesmos, retornaram com, um lema, e um nome para o grupo, respectivamente: “integrar para não entregar” e Projeto Rondon em homenagem ao humanista Marechal Cândido Mariano da Silva Rondon (BRASIL, 1980. p. 15).

Dentro do projeto surgiu ainda o programa “campus avançado” que surgiu como uma evolução institucional do projeto Rondon:

Projeto Rondon foi criado, pelo Decreto nº 62.927, de 28 de junho de 1968, que estabeleceu um Grupo de Trabalho (GT) denominado de “Grupo de Trabalho Projeto Rondon”, subordinado ao Ministério do Interior. Posteriormente, em 1970, esse GT foi transformado em Órgão Autônomo da Administração Direta pelo Decreto nº 67.505, de 6 de novembro de 1970, e em 1975, pela Lei Nº 6.310 de 15 de dezembro, foi instituída a Fundação Projeto Rondon. (NOSSA HISTÓRIA, [s.d.]

Dessa maneira o Programa campus avançado surgia com o objetivo de manter uma atuação constante que dispusesse esforços coletivos junto ao apoio governamental para resultar em ações transformadoras dentro das comunidades em que os campi estavam inseridos.

A vivência dos problemas relacionados com a distância e o isolamento de muitos municípios da Amazônia, sobretudo, levaram a que se pensasse em uma atuação de caráter permanente que proporcionasse articulação de esforços da comunidade e dos órgãos governamentais, dando apoio técnico, acionando fatores de desenvolvimento cultural e económico da área. A universidade poderia ser a instituição capaz de cumprir tal função de importância estratégica para o futuro do País. Isto poderia fazer-se, inclusive, cumprindo objetivos de integrar cultural e tecnicamente regiões geográficas distantes. O Programa Campus Avançado surgia, assim, em 1969, como fruto de uma evolução institucional do Projeto Rondon. (BRASIL, 1980. p. 15).

O Projeto Rondon tinha objetivos variados que dependiam da necessidade de cada região. Funcionava em diversos estados brasileiros, se adaptando à realidade e à necessidade de cada um deles “Ao cabo de cinco anos, já eram 22 campi avançados, onde mais de 30 instituições de ensino superior desenvolviam ações de natureza diversa, definidas por elas próprias (conforme anexo 3)” (BRASIL, 1980. p. 16).

Dentre os vários objetivos dos 22 campi avançados e seu significado dentro da comunidade e dentro e fora da universidade estavam:

[...] relacionamento estreito com as comunidades interioranas, seus valores e sua cultura; — desencadeamento de um processo educativo que tenha como resultado a participação da comunidade em seu próprio processo de desenvolvimento; — contribuição aos esforços governamentais e privados para o desenvolvimento de regiões interioranas; — reflexão e experiência com vistas ao aperfeiçoamento de objetivos e métodos de ensino e pesquisa na universidade; [...] (BRASIL, 1980. p. 18).

Dessa maneira a cidade de Picos-PI foi uma das cidades interioranas alvo de ação do Projeto Rondon e do programa campus avançado. Sendo que uma de suas ações foi informar a população picoense, o que originou o jornal *O Macambira*.

Vale lembrar que na época em questão, estava em funcionamento o regime ditatorial civil-militar, ou os “anos de chumbo,” e muitas vezes fazer críticas como, a que o editorial “Saneamento básico” fez ao poder público picoense, não eram bem aceitas ou encorajadas de maneira geral.

Após essa breve explicação geral sobre a importância do Projeto Rondon, voltemos então para o foco principal desse tópico que é discutir acerca das experiências olfativas vividas pelos cidadãos picoenses.

[...] A rede interna de escoamento é insignificante. A última secção do nosso perfil, especificamente o leito do Guaribas, além de captar o conjunto da podridão que desce por gravidade, transformou-se num depósito de entulhos de toda natureza. O caráter cortado do rio agrega a este quadro caótico, águas insalubres, aumentando assim o já existente índice de poluição. [...]— SANEAMENTO BÁSICO, 1981. p. 2).

O editorial que citamos acima, do jornal *O Macambira*, intitulado “Saneamento básico”, denuncia a situação desagradável e em outra parte traz um apelo para que o poder público juntamente com a população picoense tomassem medidas para que esse problema que já estava se tornando caso de “calamidade pública” fosse resolvido. Para que assim não houvesse mais contaminação da população pelas doenças que esse tipo de deficiência no sistema sanitário causa. Como podemos conferir em outro trecho:

[...] A erradicação definitiva desse mal social responsável pela proliferação das doenças, notadamente as de origem hídrica, exige de parte dos administradores e de toda a comunidade consciente picoense, medidas concretas a fim de que possam debelar o mal que já começa a transformar-se em “caso de calamidade pública”. [...] (SANEAMENTO BÁSICO, 1981. p. 2).

Esse cenário de poluição e maus odores têm a ver com a forma como a cidade de Picos nasceu, cresceu e, se desenvolveu ao longo dos seus anos de história. Como sabemos, a cidade de Picos é cortada ao meio pelo rio Guaribas, que sempre serviu como um ímã para a população picoense que se desenvolveu em suas margens, segundo Mara Gonçalves de Carvalho (2015). Ao continuarmos analisando o editorial do jornal *O Macambira*, intitulado “Saneamento básico”, publicado em 1981, podemos ter uma ideia geográfica espacial da “dinâmica” do sistema de saneamento básico que funcionava em Picos nos anos 1980.

[...] Através de um perfil do morro da Mariana até o leito do rio Guaribas podemos constatar que: ao nível do topo do morro, o espaço começa a ser preenchido com residências finas, o que revela o “status econômico-social” de seus moradores. O escoamento dos dejetos processa-se, naturalmente, encosta abaixo em várias direções contaminando áreas vizinhas. A inexistência de canais condutores e caixas receptoras aumenta o índice de contaminação; ao nível da encosta o problema cresce aceleradamente, tendo em vista que o espaço é ocupado por uma população pobre, carente, desassistida e desprovida de hábitos de higiene individual e social. Adjacentes à escadaria, as canaletas de escoamento e caixas de captação de dejetos funcionam de maneira precária. [...] (SANEAMENTO BÁSICO, 1981. p. 2).

Como sabemos, para Roberto Lobato Corrêa (1989), os diferentes usos do espaço territorial de uma cidade constituem o espaço urbano. Ou seja, os cidadãos desenvolvem diferentes usos, para determinadas áreas do solo urbano, fragmentando, articulando e segregando áreas desse espaço, ou até mesmo polarizando determinadas atividades em apenas um recorte espacial específico da cidade. Isto é, em algumas cidades é comum vermos áreas inteiras monopolizadas por comércios, lojas de autopeças, ou clínicas e hospitais. Essa coesão de locais do mesmo gênero constitui-se o espaço fragmentado e articulado de que fala Roberto Lobato Corrêa. Podendo ele ser também segregado socialmente, como a divisão que comumente denominamos de bairros de ricos e bairros de pobres, por exemplo (CORRÊA, 1989. p. 07).

Dito isso podemos notar que na cidade de Picos, na década 1980, já havia essa segregação, pois, como o trecho do editorial acima elucida as casas finas ficavam na parte mais alta do pico, ou seja, na “encosta” (parte entre o topo do morro e o centro) onde ficavam as pessoas de classes sociais mais baixas.

Diante desse cenário podemos perceber que as populações mais pobres estavam mais suscetíveis a contrair doenças relacionadas à falta de saneamento básico pelo fato de que os dejetos escorriam morro abaixo livremente.

Dessa maneira o referido editorial ainda aponta posteriormente que o segmento populacional da “encosta” é um dos principais para ordenar essa questão sanitária urbana da cidade de Picos, pois, “Uma vez ordenada corretamente sua população humana e construída uma rede efetiva de esgotos, não haverá perigo de contaminação para as áreas subsequentes” (SANEAMENTO BÁSICO, 1981. p. 2).

Assim, para tentar solucionar o problema, seria necessário “[...] um eficiente planejamento sanitário da base do morro da Mariana até o leito do Guaribas [...]” (SANEAMENTO BÁSICO, 1981. p. 2).

Analisando o discurso do referido editorial de 1981, que sugere que se colocada em ordem a situação da população da “encosta”, em grande parte solucionaria o problema, vemos que, talvez por falta de opção devido aos poucos recursos financeiros essa população que se estabeleceu na base do morro da Mariana estava claramente “subvertendo a ordem” de que fala Michel de Certeau (2008), ao construir moradias em locais impróprios.

O “sujeito ordinário” de Michel de Certeau subverte a ordem geralmente em pequenos gestos e de maneira individual. Poderíamos então dizer que de certa maneira os moradores da “encosta” estavam comportando-se como sujeitos ordinários e fazendo sua “revolução silenciosa”, ao construir suas casas nessa área da cidade.

Retomando o problema da poluição segundo o editorial “Saneamento básico”, esse problema aumenta por causa da tubulação residencial despejar os detritos e águas poluídas, nas ruas, e no rio Guaribas, devido à insuficiência da rede interna de captação.

Para além da utilização de fontes documentais devemos destacar a importância de utilizar fontes orais em trabalhos como este que tratam de sensibilidades e sociabilidades. Dito isso orientados por Sônia Maria de Freitas (2006) que destaca a importância da história oral e como ela vem sendo cada vez mais aceita e utilizada desde a Nova História, e lembrando-nos das discussões de Michael Pollak (1989) (1992), onde ambas, tratam de maneira geral da importância da memória individual na construção da memória coletiva, partimos para a prática da entrevista oral.

Na entrevista que realizamos com o senhor Manoel Pedro da Luz (2020), de 63 anos, que foi Agente da SUCAM desde os anos 1980 até recentemente, hoje em dia aposentado, ele relembrou as doenças mais comuns em Picos na época de 1980 a 1990, como a esquistossomose e a doença de chagas.

Eu trabalhei muitos anos na campanha do barbeiro muitos anos, bem de 1984 a 1994, muitos anos, aí a gente eu e meus colegas trabalhava (sic) borrifando né, aí também trabalhamos na campanha do calazar e da barriga d'água. Ali a gente passava nas casas deixava o recipiente e depois recolhia no outro dia com o material (as fezes) para mandar pra o laboratório, mas às vezes tinha casa que a gente chegava logo e já via os meninos com barrigona ali a gente já sabia que estava doente, com a barriga por aculá (sic). (Manoel Pedro da Luz, 2020).

A esquistossomose, também conhecida como barriga d'água, é uma doença que se adquire quando se entra em contato com água contaminada que abriga caramujos seja por meio de ingestão ou por banhos de rio em águas que carregam o parasita. Tendo em vista as evidências fornecidas pelo fragmento do jornal *O Macambira* supracitado, ajuda a entender o porquê de a esquistossomose ter sido muito comum nos anos 1980 e 1990 e assolado a população picoense. Quando questionamos ao nosso entrevistado Seu Manoel como acontecia o contágio ele disse

Rapaz naquele tempo era muito comum as pessoas banharem de rio né, nos açudes, aí pegava, às vezes a água estava contaminada com caramujo a pessoa ia lá banhava e acabava se contaminando, e aconteceu muito, nós trabalhamos muito andando nas casas, nos interior (sic) fazendo esse trabalho com a população de levar o material pra analisar, também orientava sobre os cuidados com a água (Manoel Pedro da Luz, 2020).

Analisando outro fragmento do jornal *O Macambira* de 31 de março de 1980 achamos uma notícia que trata da esquistossomose e a tentativa de combate a ela por órgãos públicos como a SUCAM (Superintendência de Campanhas de Saúde Pública)

Em setembro de 1979 a SUCAM descobriu um foco ativo de esquistossomose na cidade de Picos, localizado no rio Guaribas. Acredita-se que o lançamento de dejectos “in natura” pela população ribeirinha, tenha sido o causador do foco. (ESQUISTOSSOMOSE, 1980. p. 12).

Para tentar solucionar a questão da esquistossomose já em 1981 (pois era a doença com mais incidência) o prefeito Waldemar Rodrigues prometeu construir lavanderias públicas e esboçou sua vontade de ampliar o saneamento básico da cidade, no entanto, afirmou que a cidade sem auxílio econômico federal não conseguiria (SANEAMENTO..., 1981, p. 3).

Essa atitude de modificar a arquitetura da cidade construindo um novo espaço como o da lavanderia nos remete ao texto de Alain Corbin (1987) no qual o autor nos fala sobre como a sociedade francesa do século XIX buscou modificar a arquitetura das casas e a disposição dos cômodos ao passo em que a sociedade buscava exterminar os maus odores e desodorizar os locais e até mesmo as pessoas.



Dessa maneira a cidade de Picos da década de 1980 estava passando por um processo de mudança na arquitetura para tentar solucionar o problema da crise sanitária da esquistossomose.

Levando em conta as informações expostas podemos dizer que havia deficiência nas prestações de serviço de saneamento básico em Picos nas décadas de 1980 e 1990, bem como o fornecimento de água potável e o sistema de esgotos e que, por isso, entre outras razões, a cidade de Picos tinha razões de ordem pública coletiva para ter maus odores e conseqüentemente assim ser representada e entendida. Seria correto também supor que a coleta de lixo poderia estar em déficit já que também, é de responsabilidade desse setor? Ou será que Picos exalava maus odores no centro da cidade além dos fatos mencionados também por conta de frutas podres da feira livre?

Percebemos como através dos anos por questões como a urbanização e as mudanças de costumes das pessoas que viviam na cidade, afetaram a percepção dos cidadãos com relação aos espaços memoráveis de Picos e conseqüentemente seus sabores e odores. Como percebemos, a “encosta” do morro da Mariana tinha o odor forte de lixo e dejetos que escorriam daquele morro.

Diante desse fato questionamos: este morro tinha bons odores já que os ruins escorriam pela encosta? Quanto ao leito do rio Guaribas, era uma mistura de odor de alho e cebola misturado ao odor de poluição, lixo e dejetos. As pessoas que frequentavam o rio Guaribas ou que nas proximidades dele viviam poderiam facilmente apontar que esses odores eram predominantes.

Não obstante, o conhecimento adquirido através das nossas fontes, já citadas anteriormente, nos permitiu analisar os espaços de Picos à procura dos seus odores que é um dos focos do nosso estudo e chegar a tal conclusão.

O exercício de indagações importantes que fizemos para tentarmos “montar” pedaço por pedaço do “quebra-cabeça” da história sensível da cidade, sejam eles bons ou ruins foi de grande relevância.

Essas evidências sobre a história da “cidade modelo” nos permitirão ao fim desse estudo identificar se a urbe picoense é vista e representada pelos cidadãos das décadas de 1980 e 1990 como “poluída”, “mal cheirosa”, ou como uma urbe que apesar dos problemas é “desenvolvida”. Ou se é considerada tudo ao mesmo tempo, assim a identidade de Picos vai ganhando forma dentro do nosso texto.

### 3. CARTOGRAFIA GUSTATIVA E OLFATIVA DO VIVER URBANO DA CIDADE DE PICOS-PI

No presente capítulo fizemos um diálogo com a autora Cristiane Regina Ávila (2007) para apresentar alguns aspectos econômicos gerais que o Brasil estava enfrentando na década de 1980 e 1990. Vemos como a crise inflacionária atingiu a cidade interiorana de Picos-PI, alterando até mesmo os alimentos presentes na casa dos picoenses.

Para isso fizemos o cruzamento de fontes entre o cenário de crise descrito por Cristiane Ávila (2007) e os poemas “Sou triste”, de Alberto de Deus Nunes, encontrado no jornal *O Macambira*, (NUNES, [s/d], p. 6) e, o poema “Picos” de Heraldo Santos (1985).

Tratamos a respeito dos sabores que se configuraram marcantes em Picos, segundo, nossas análises e fontes, que serão citadas a seguir, para tentar mapear os sabores e odores picoenses assim como os momentos de sociabilidade em que estavam inseridos, como festas juninas e Semana Santa. Mapeamos os sabores e odores marcantes em alguns espaços de sociabilidade da urbe picoense como no Mercado Público, o “Mercadinho”, a Praça Felix Pacheco, e também comentar a situação descrita como “falta de higiene” relatada no Açougue Municipal e Matadouro.

Contextualizando a cidade de Picos, no estado do Piauí, com o restante do país, entre as décadas de 1980 e 1990, devemos lembrar que todo o Brasil estava enfrentando uma grave crise econômica relacionada à inflação, onde esta ultrapassou a casa dos 50%, se tornando uma hiperinflação que castigava todo o país e atingia com mais força a população mais pobre principalmente. Como podemos observar através dos estudos de Cristiane Regina Ávila (2007),

Para Gremaud et al (2002), a inflação seria reduzida do congelamento dos empréstimos do setor público e da contenção dos salários, mas não foi eficaz, pois acabou atingindo os 51,28% em dezembro de 1989. Para combater a inflação, o governo utilizou tanto elementos heterodoxos como ortodoxos. As medidas ortodoxas seriam a contenção da demanda, através da diminuição dos gastos públicos e da elevação das taxas de juros. Já as ações heterodoxas estavam encarregadas da desindexação da economia, através do congelamento de preços. Como não existiu nenhum ajuste fiscal, a manutenção dos déficits públicos em patamares cada vez mais elevados foi facilitada. Os déficits atrelados à imobilidade da política econômica favoreceram o aumento acelerado da inflação. (ÁVILA, 2007, p. 38).

A autora discute como essa crise levou à criação de vários planos econômicos na tentativa de controle da inflação, como o Plano cruzado que, segundo ela, funcionou por algum tempo. E, teoricamente, teria contribuído para a diminuição de pessoas na linha de

extrema pobreza. Porém, Cristiane Regina Ávila ressalta que não foi um controle duradouro, a inflação voltou a subir e o número de pessoas pobres aumentou.

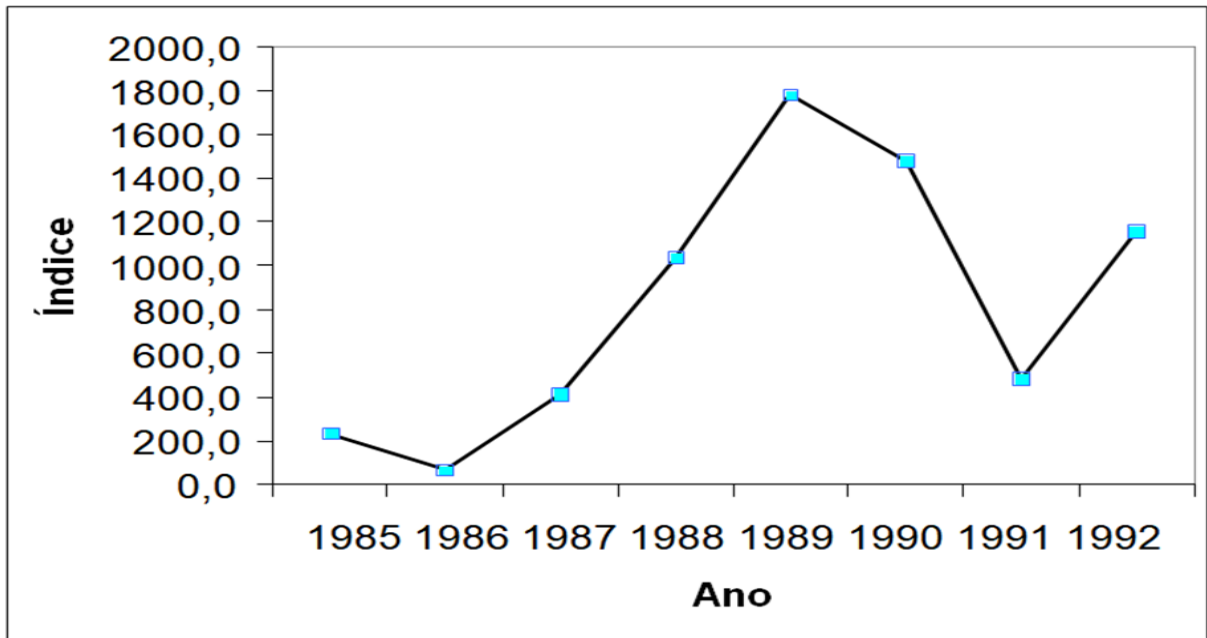
Mas o Plano Cruzado não durou muito tempo, uma vez que foi criado em fevereiro de 1986 e se estendeu até novembro do mesmo ano. Para Fishlow (1986), a causa do aumento da taxa de inflação veio do aumento desenfreado na demanda. Como bem coloca Baer (1986), o governo brasileiro chegou a importar determinados produtos, principalmente carne e leite, de tanto que houve aumento na demanda, sem que a oferta interna cobrisse. Vários autores concordam que o estopim para a crise com o Plano Cruzado foi o aumento excessivo da demanda, principalmente para carne, leite e automóveis. (ÁVILA, 2007, p. 35).

O cenário descrito acima por Cristiane Regina Ávila nos levou a considerar que as medidas tomadas na tentativa de conter a crise e a inflação, como o congelamento de preços (por algum tempo) e os ajustes salariais, contribuíram para o aumento da demanda de produtos como carne, leite e automóveis.

Nesse contexto o poder de compra dos brasileiros supostamente teria aumentado causando uma falsa sensação de “superação da crise” o que só contribuiu para que a inflação crescesse novamente e os preços subissem mais uma vez.

Devemos destacar que a citação acima está retratando apenas uma das causas do aumento da inflação no ano de 1986, em específico. Ou seja, diversos outros fatores anteriores e posteriores a esse ano foram responsáveis pelo descontrole inflacionário que chegou a níveis altíssimos entre o final da década de 1980 e meio da década de 1990.

Desse modo não é de nosso interesse explorar à exaustão as causas do aumento da inflação brasileira na década de 1980. Mas demonstrar que a década de 1980 ficou marcada na história do país como a “década perdida”, nas palavras de Ramos citado por Cristiane Regina Ávila, de tanta desesperança e angústia que assolava a população devido ao aumento constante dos preços e, por conseguinte, do custo de vida.



**Imagem 03** - Inflação do Brasil no período 1985-1992 (percentuais anuais).

Fonte: ÁVILA, 2007, p. 40.

Como foi possível observar no gráfico acima, de Cristiane Ávila (2007), a inflação chegou a níveis elevadíssimos da metade da década de 1980, até o início da década de 1990. Como vimos com a autora à hiperinflação só diminuiu e passou a se estabilizar a partir da metade da década de 1990 “Para Novy e Fernandes (1998), o Plano Real mudou o cenário da economia nacional com relação à inflação, tendo seus índices anuais caído de 1.477% em 1990 para 14,8% em 1995 e 9,3% em 1996” (ÁVILA, 2007, p. 56).

No Nordeste não foi diferente, essa região, historicamente negligenciada, sofreu drasticamente as consequências dessa crise. A hiperinflação causava alta de preços constantemente, de produtos em geral como conferimos com a autora. O aumento da demanda por carne e leite, por exemplo, era também pelo fato de que as pessoas passaram a comprar mais no sentido de “estocar antes que os preços subissem novamente” e como vimos com Cristiane Ávila (2007) isso realmente ocorreu.

A ideia do Nordeste caracterizado pela pobreza e fome, ainda, atualmente, acompanha a imagem da região. Nem a história, nem as pessoas se esqueceram desse passado de fome, desnutrição e morte que se agravou nos anos 1980 e 1990, devido à crise inflacionária.

Podemos constatar esse cenário de fome e desnutrição na cidade de Picos, que certamente agravou-se ainda mais durante a crise inflacionária de que estamos tratando, pois como vimos com Cristiane Ávila (2007), os mais pobres sentiram muito mais os efeitos da crise. Um exemplo dessa crise, na cidade de Picos, pode ser conferido em um fragmento do jornal *O Macambira*, de 30 de julho de 1981:

[...] De um modo inesperado quão interessante, quando, buscando informações e dados para possível reportagem, lhe perguntamos acerca da enfermidade de maior incidência na região, ele respondeu, como diretor do posto de atendimento do INAMPS: a maior doença daqui é a fome! Depois é que ficamos sabendo que 60% da população nordestina é anêmica... (PICOS EM FOCO..., 1981, p. 2).

Como podemos notar através da visão do diretor do Posto de Atendimento do INAMPS identificado pelo mesmo fragmento de jornal, apenas como, “Senhor Leitão” a fome era tão presente na cidade que ele já a igualava, a mesma, a emergência de uma doença. Vemos o interesse do jornal em evidenciar o problema mesmo colando a “pauta nessas poucas linhas”.

Ancorados no livro “Perdi meu tempo”, de Francisco de Moura Barbosa, publicado em 1984, nos leva a crer que a situação de fome e morte, por causa da fome tanto gerada pela crise inflacionária como pela seca (típica de alguns estados do nordeste como o Piauí) foi algo muito comum na região nessa época.

Analisamos uma matéria publicada no jornal *O Macambira*, que fazia referência a essa crise econômica que afetou toda a sociedade brasileira, nas últimas décadas do século XX. Informamos que nessa fonte hemerográfica não constava uma data específica. O documento a que tivemos acesso foi digitalizado incorretamente, sem registro da capa do jornal e, cortando as partes que informavam a data da publicação. No entanto, acreditamos que esse documento estar datado entre os anos de 1980 e 1990, pois foi à época em que a hiperinflação esteve em níveis altíssimos, e foi muito impactante na vida dos brasileiros, causando mais fome e desníveis sociais.

O jornal do qual nos referimos acima traz o poema intitulado “Sou triste” de autoria de Alberto de Deus Nunes, que é um desabafo sobre a situação do sertão nordestino. Esse poema retrata justamente um cenário de grande fome e de altos preços, principalmente da carne, onde os nordestinos tiveram que lidar com esse “quadro tão sombrio”. Vejamos uma parte do poema:

[...] não há ninguém alegre neste mundo, diante desse quadro tão sombrio. Ao contemplá-lo sinto meu profundo o meu justificado calafrio. Sinto na carne o trágico desnível entre as carências e o que se consome. Com os preços atuais seria crível que meus dez filhos não passassem fome? (NUNES, [s/d], p. 6).

Como podemos constatar o poema externa a mais profunda dor e fome que se passava naquele momento. No trecho seguinte ele continua,

A carne que jamais faltara e em nossa mesa há muito vem faltando, ostenta agora, saborosa, cara, um título de nobreza formidando. Pertence aos ricos que sustenta e nutre por serem privilegiados...

A carne simboliza velho abutre: O polvo da ganância dos malvados...

E vamos, com polenta e com torresmo, enfraquecidos prematuramente, perdendo a fé nos homens e até mesmo nesse país tão rico e tão potente.

(NUNES, [s/d], p. 6).

Com os trechos que apresentamos acima podemos tentar entender o viver citadino da cidade de Picos nas décadas alvo de estudo. Assim como também podemos perceber os “sabores” da cidade de Picos naquele momento, que é o que pretendemos destacar nesse tópico. Quando o autor do poema sinaliza “A carne que jamais faltara e em nossa mesa há muito vem faltando” percebemos, por exemplo, que a carne parecia algo comum de se comer cotidianamente na região.

A inflação foi aumentando, os produtos encarecendo, a carne então teria começado a faltar na mesa dos picoenses. Essa realidade nos leva a crer que possivelmente algumas pessoas se alimentavam do que plantavam e colhiam, para tentar driblar essa recessão. Os gêneros alimentícios mais comuns eram arroz, milho e feijão.

Poderíamos então dizer que os gêneros alimentícios cultivados pelos picoenses poderiam ser os “sabores” que estavam presentes na mesa da maioria dos picoenses, e dependendo do nível social de cada um, poderia estar ou não acompanhados da “saborosa carne cara”.

Parafraseando outro trecho de informação do poema “Sou triste” temos outra pista dos sabores da urbe de Picos: “E vamos, com polenta e com torresmo”. Sabemos que os picoenses tinham o hábito de criar animais para vender a carne ou se alimentar dela, como é comum até hoje em zonas rurais em todo o Brasil. O torresmo é uma iguaria derivada da carne de porco que costuma ser mais barata que a carne bovina. Esse tipo de prato é bastante comum de se encontrar na região de Picos, tanto nas casas das pessoas, como em comércio e bares, onde é vendida em saquinhos plásticos. Um típico picoense, e porque não dizer um típico nordestino, sabe exatamente o valor de um torresmo com cuscuz ou com beiju (tapioca) e uma bela xícara de café para acompanhar.

Como vimos, no poema “Sou triste”, de autoria de Alberto de Deus Nunes, já vem de muito tempo à cultura e o gosto por esse saboroso petisco que vai muito bem com pinga ou com cerveja e, nos bares de Picos, até hoje é difícil faltar. Como observamos, na análise dessa fonte literária, antes o torresmo pode ter servido como uma alternativa à carne, em tempos de seus altos preços. Mas pelas experiências empíricas, enquanto moradores de Picos, também

podemos considerar que parece que essa iguaria atravessou os tempos de crise, e caiu no gosto popular até os dias atuais.

Já a polenta, comida derivada do milho, não é de se estranhar que também estivesse nos lares da população picoense, bem como outros pratos derivados do milho em especial o cuscuz, o mingau doce, que são muito apreciados em todo o Nordeste até hoje. Essa cultura do milho é ainda mais forte nos festejos juninos.

No livro “Perdi meu tempo” de Francisco de Moura Barbosa (1976), o autor retrata como geralmente eram as festas juninas na “cidade modelo”, por meio das conhecidas “marchas”. Uma delas chamou nossa atenção, intitulada de “Um São João na casa de Zé Ingá”, por fazer uma descrição desse evento que nos faz imaginar como eram essas festas:

Chegou o São João, moçada vamos brincar, que é véspera de casamento da filha de Zé Ingá.  
 Ao correr desta festa Zé Ingá é o maior; quem não trouxe suas irmãs é capaz de brincar só. Agora vamos dar vivas ao ovo do Miroró.  
 Saímos de dentro de casa, mudemos lá para fora, que o povo dos Buracos está chegando agora; todos viva e vivas às filhas de dona Vitória.  
 Com abóboras e jerimum, vamos todos encher a pança, que o povo do Saco Grande já caiu dentro da dança; as meninas são matutas, mas comigo qualquer dança.  
 Ó que morena bonita que dança toda faceira!  
 Menina onde tu moras?  
 — Na baixa da Cajazeira.  
 — Como é teu apelido?  
 — Me chamo Ana Monteiro. (BARBOSA, 1976, p. 45).

Lendo essa letra de música quase que conseguimos nos tele transportar para a “casa de Zé Ingá”, dançar dentro e fora do terreiro, comer abóbora e jerimum, dar vivas e fazer amizade com as matutas, enquanto sentimos o calor da fogueira e o cheiro da lenha queimando. Como foi dito, a marcha acima retrata o cotidiano das festas juninas típicas no Nordeste, mas em especial também dos piauienses e picoenses.

A Semana Santa também parece ter sido uma data sempre muito significativa para os picoenses por sua característica religiosa marcante como aponta Mara Gonçalves de Carvalho (2015) e Renato Duarte (1995). Como este último, destaca em uma parte de sua obra havia quase um ritual comum a todos os picoenses que era a prática do jejum, a malhação do judas e o ato de doações. Estes dois últimos hábitos ritualísticos religiosos são de nosso maior interesse.

Renato Duarte ainda aponta que a queimação do judas era comum na cidade e que havia judas espalhados por toda a urbe. Essas práticas culturais apontadas por Duarte, das quais falamos acima, como o jejum e a queimação do judas, se referem a Picos dos anos 1950.

No entanto, é possível perceber a continuidade dessas práticas na cidade até os dias atuais. Também podemos questionar se o cheiro de fumaça dominava a cidade de Picos nessa época fazendo-a ficar cinzenta e suja como acontece atualmente nessa data religiosa.

Assim como o hábito de comer e doar peixes na Semana Santa também é relevante questionar que muito possivelmente em Picos em espaços como o Mercado Público e no Açougue Municipal nessa época sentia-se o odor forte de peixes como bacalhau e sardinha. Como sabemos o jejum cristão da época da Semana Santa consiste em se abster de carne, ou pelo menos da carne vermelha, daí os cristãos passam a comer mais peixes como bacalhau, sardinha.

Pois como Renato Duarte aponta “Havia uma espécie de “cultura do jejum” que envolvia desde a importação, pelo comércio especializado, de bacalhau e sardinha, á intensificação da pesca no rio e nas lagoas da redondeza” (DUARTE, 1995. p. 88). Como sabemos, através de Mara Gonçalves de Carvalho (2015), esses já eram espaços comerciais muito importantes e muito frequentados pelos picoenses desde 1970.

Em outro trecho do livro de Francisco de Moura Barbosa (1976), encontramos mais um registro da sua memória gustativa, sobre o sertão do Piauí. Desta vez, um chote intitulado “Quero voltar para o Piauí” onde, o autor, que não estava morando no Piauí na época em que o escreveu, manifestou sua vontade de voltar para sua adorada região (subtendemos que seja para a cidade de Picos, pois é de onde é natural).

Nesta música ele acaba dando mais pistas sobre os sabores da cidade, vejamos um trecho:

Eu quero, quero, quero, quero ir; não aguento ficar aqui; eu vou-me embora para o sertão do Piauí. Vou brincar São João na roça, junto com as moças donzelas; vou comer beiju de forno, tomar leite na tigela, beber garapa de cana, comer rapadura na gamela. (BARBOSA, 1976, p. 54).

Como o próprio texto já deixa claro apesar da vida simples que a maioria da população levava nessa terra, parecia valer a pena estar em Picos, para brincar o São João e degustar as delícias típicas da cidade, como o beiju de forno, a garapa de cana e a rapadura. Vale destacar que o livro “Perdi Meu Tempo”, no qual esse chote se encontra, foi publicado em 1976.

### **3.1. Mercado Público e Mercadinho**

Falaremos nesse tópico sobre dois espaços de vendas de alimentos em Picos, o Mercado Público e o chamado “Mercadinho” que durante as décadas de 1980 e 1990 marcaram a vida dos picoenses com seus sabores e odores. O Mercado Público desde a sua



construção é “patrimônio de grande importância para a rememoração da história da cidade de Picos. Fundado em 01 de janeiro de 1925, durante a administração de Francisco de Sousa Santos” (CARVALHO, 2014) nunca mudou de endereço. Se situou e ainda se situa no coração do centro histórico de Picos, próximo à feira livre de frutas, à igreja Matriz e à atual feira de roupas na Travessa Benedito Reinaldo. Já o Mercadinho localizava-se na Avenida Getúlio Vargas, esquina com a Travessa Quinze de Novembro, segundo o fragmento do jornal *Picos em Foco*, de 1981 e, nossa análise de mapas atuais desse local, comparando as informações.

O Mercado Público e o Mercadinho são dois espaços muito conhecidos na cidade de Picos. Enquanto no Mercado vendia-se comidas prontas destinadas a almoço como relata nosso entrevistado Manoel Pedro da Luz (2020), no Mercadinho vendia-se carne e verduras, segundo o referido jornal citado acima.

Primeiramente falaremos acerca do Mercado Público e sua importância como local de sustento para os vendedores e cozinheiras, como nossa entrevistada Maria Amélia da Silva e para os frequentadores como o senhor Manoel Pedro da Luz. Em seguida falaremos do Mercadinho e da situação de “falta de higiene” desse local, segundo as impressões da matéria de 1981 do jornal *Picos em Foco*, sobre esse espaço.

O senhor Manoel Pedro da Luz (2020), em entrevista para esse estudo, relatou que adorava a comida do mercado (Mercado Público), e que “as mulheres de lá tem um ótimo tempero”. Quando questionado sobre quais comidas eram mais típicas por lá na década de 1980 e 1990 ele respondeu “Era o baião de dois, a buchada, a panelada, costela; esse tipo de comida”.

Dessa maneira podemos supor, com o depoimento do senhor Manoel Luz que os sabores que “marcam” a cidade de Picos como, o baião de dois ou a panelada eram apreciados pelos picoenses da década de 1980 e 1990. Vale destacar que ainda hoje esses sabores são apreciados por picoenses como o Senhor Manoel Luz, que relatou que gosta de consumir essas iguarias no Mercado Público, pois, para ele, a comida de lá é a melhor. A afirmação do nosso entrevistado nos faz pensar que, como um picoense, o senhor Manoel Luz gosta de apreciar a comida do mercado, tanto por ser boa como afirma, tanto por quem sabe ter memórias afetivas e gustativas daquele local em especial o que o faz querer retornar sempre lá. Abaixo podemos ver o aspecto externo do Mercado Público nos anos 1990:



**Imagem 04:** Mercado Público Municipal, da cidade de Picos, em 1990.

**Fonte:** PICOS City Tour 90's..., 2020.

Na figura acima (imagem 04) podemos visualizar parcialmente o Mercado Público e a calçada que os vendedores também utilizavam desse espaço, para vender alho, frutas, verduras como relata mais adiante Dona Maria Amélia, nossa entrevistada.

Além de indicar os sabores que podemos notar descritos no fragmento acima, também podemos identificar os possíveis odores daquela parte da cidade que poderia ser o cheiro bom de frutas e verduras frescas, ou o odor de carnes que sem a devida refrigeração poderia começar a estragar, ou quem sabe até mesmo os restos de frutas e verduras não vendidos começando a se decompor.

Nossa entrevistada Maria Amélia da Silva foi um dos diversos vendedores que certamente existiam na época. Vendedora, além disso, cozinheira. Ela conta que geralmente cozinhava “galinha com arroz” e, vendia frutas e legumes na calçada do Mercado. “Era banana, laranja, cenoura, batata doce, batatinha, abacaxi, beterraba” (Maria Amélia da Silva, 2021). Dona Maria Amélia da Silva conta um pouco do que cozinhava naquela época:

[...] era mais era galinha com arroz, era costela de boi, eu fazia o que eles me pedia, aí as vezes eu fazia carne moída porque eu fazia um tal de um caldo com farinha que eles gostava muito, eu temperava a carne moída e fazia com farinha esse caldo, o povo adorava comer no café. (Maria Amélia da Silva, 2021).

Quando Dona Amélia da Silva diz “eles” está se referindo, como ela mesma esclarece, aos seus clientes em geral, mas também, aos seus clientes que trabalhavam no Mercado com ela, como vendedores, pois, a mesma, conta que um ajudava o outro. Eles ajudavam

consumindo o que ela fazia de almoço como a galinha com arroz, costela, caldo de carne moída, enquanto ela também comprava frutas e legumes deles.

Desse modo, esse espaço também se constitui como um local de sociabilidade picoense, pois, várias pessoas de várias classes sociais certamente transitavam por ali para vender ou comprar alimentos, além da experiência de amizade e camaradagem citada por dona Amélia Silva, sobre a relação dela com os outros vendedores, de um ajudar o outro.

Quanto ao chamado Mercadinho, graças ao cruzamento entre nossas fontes, como o fragmento de notícia do jornal *Picos em Foco*, de 30 julho 1981, que trata sobre o “aspecto bastante negativo” do Mercadinho que estampava a principal avenida da cidade (Av. Getúlio Vargas) e um fotograma que retiramos de um vídeo intitulado *Picos City Tour 90's* produzido no ano de 1990 e que documentou vários espaços da urbe picoense, foi possível então analisar a experiência de “falta de higiene descrita no fragmento de notícia que certamente vale a pena ser explorada como uma experiência olfativa picoense. Em uma das suas colunas, a manchete intitulada “Picos em foco” do jornal *Picos em Foco* de 1981 diz o seguinte:

Das coisas que Picos mostra a seus visitantes e que possuem aspecto bastante negativo há o chamado Mercadinho. Situado logo na principal avenida da cidade. Sem pretender descer a lenha nessa ou naquela autoridade, não se pode deixar de dizer a estranheza que nos causa à vista pessoas vendendo e comprando carne naquele estado de falta de higiene, assim como acontece com as verduras e frutas, que, como acentuou o próprio prefeito de Picos, em recente entrevista, estão expostas ao vento e a poeira [... ] (PICOS EM FOCO..., 1981, p. 2).

Portanto o Mercadinho que se localizava na principal avenida da urbe picoense na década de 1980, estava sendo alvo de críticas devido à venda de verduras, frutas e carnes, também acontecer, segundo o fragmento jornalístico acima, na frente do estabelecimento, ou seja, no meio da cidade e sem muitos hábitos de higiene, na visão desse periódico, pois, seria uma prática degradante, e, estaria “poluindo visualmente” a cidade. Abaixo trouxemos um registro visual desse espaço que data de 1990:



**Imagem 05:** O Mercadinho, em 1990.  
**Fonte:** PICOS City Tour 90's..., 2020.

Como podemos observar na figura acima (imagem 05), o Mercadinho se localizava na Av. Getúlio Vargas, fazendo esquina com a Travessa Quinze de Novembro e, ficava quase em frente onde, hoje se localiza o Açougue Municipal. Esse fotograma do vídeo PICOS City Tour 90's (2020) destaca a localização desse estabelecimento comercial, no sentido de quem olha da Igrejinha ao Centro da cidade. Dessa maneira esse espaço do Mercadinho não deixa de se configurar um local de experiências olfativas da cidade de Picos. Pois quem passasse por ali poderia sentir os maus odores de frutas podres ou de carnes, como supomos acima com base nas preocupações do fragmento do jornal *Picos em Foco*, com a “higiene e as comidas expostas ao vento e poeira”.

Certamente esse cenário poderia ser visto e observado pelas pessoas que transitavam por ali para vender ou comprar alimentos. Como a notícia diz que o próprio prefeito fez a reflexão, e este certamente observou essa situação ao estar de passagem pelo Centro ou até mesmo para comprar algo nesse espaço.

### 3.2. Praça Félix Pacheco

Outro espaço que merece destaque pelo seu caráter multifacetado é a Praça Félix Pacheco, que também se configurou, como dito por Santana (2018), naturalmente e culturalmente uma extensão da casa das pessoas:

O uso de praças, no Brasil, é remetido culturalmente ao passado onde pessoas faziam da mesma extensão de suas casas, ali encontravam vizinhos, amigos e parentes, com isso aumentavam o seu espaço de convivência e a vida passou a se desenrolar nas ruas, nas calçadas e nas praças. (SANTANA, 2018, p. 11).

As autoras Priscila Moura Ribeiro (2014) e Maria de Fátima Santana (2018), ambas tratam sobre a importância da praça como um espaço de sociabilidade. A última autora, no entanto, fala especificamente sobre ela.

Percebemos a importância da Praça Félix Pacheco, através do estudo de Maria de Fátima de Moura Santana (2018) que trata sobre os aspectos sensíveis, mas, também físicos dessa praça nos anos de 1990. A autora demonstra como as mudanças físicas sofridas pela Praça Félix Pacheco, nos anos de 1970, acarretaram mudanças nas representações de sociabilidades. “Nos anos 1970 as transformações sofridas na Praça Félix Pacheco com modificações em quase todo o seu espaço total, sofreu diversas alterações, diminuiu de tamanho e perdeu atrativos culturais como o Coreto e o Bar Abrigo, espaços dinâmicos de vivência social” (SANTANA, 2018. p. 30).



**Imagem 06:** Praça Félix Pacheco, em 1990.

**Fonte:** PICOS City Tour 90's..., 2020.

Na fotografia acima (imagem 06), observamos pessoas sentadas na Praça Félix Pacheco, passando o tempo. Parecem tranquilas, aproveitando o dia na urbe picoense, provando que, embora a praça tenha sofrido mudanças estruturais, continuou resistindo como local de vivências para os picoenses.

Percebemos como através dos anos, por questões como a urbanização e as mudanças de costumes das pessoas que viviam na cidade, afetam os espaços em que essas sociedades

estão inseridas e, conseqüentemente, a nossa percepção com relação aos espaços memoráveis de Picos.

Priscila Moura Ribeiro (2014) nos ajudou a pensar juntamente com Mara Gonçalves de Carvalho (2015) que a Praça Félix Pacheco se configurava também um espaço de memória olfativa e gustativa da urbe picoense. Como Carvalho destaca, havia barracas de venda de comidas, como, a pipoca, e como Priscila Ribeiro (2014, p. 43) destaca, muitas vezes, as filas para assistir aos filmes no Cine Spark era tamanha que chegava a se estender do cinema à praça.

Usando da história imaginada e cruzando os pensamentos das autoras Mara Carvalho e Priscila Ribeiro, podemos supor que em dias de exibição de filmes, o centro de Picos, mais especificadamente, em torno da Praça Félix Pacheco, exalava o cheiro de Pipoca graças aos cidadãos que esperavam ansiosamente a novidade cinematográfica, enquanto se deliciavam com esse petisco.

Dessa maneira nos lembrando da discussão de Mariana Corção (2010), em torno da memória gustativa, e percebendo como, esta, pode ser totalmente aleatória e dependente do ponto de vista, da vivência e experiência, de cada indivíduo com a cidade. E evocando a memória individual de que fala Le Goff (1990), que nos permite perceber um típico jovem assíduo frequentador do Cine Spark na década de 1980, poderia possivelmente associar a pipoca com cinema e a praça como Maria Amélia da Silva, que em entrevista para este estudo, fala que gostava ir ao cinema “Eu frequentava né lá tinha os dias que passava os filmes, não me lembro se era todos os dias, mas acho que na sexta tinha, eu ia na sexta, era onde eu gostava de ir, não era muito de dançar né mas tinha lá na praça os movimentos das pessoas” (Maria Amélia da Silva, 2021).

Dessa forma, de acordo com nossas fontes pudemos conhecer um pouco mais sobre os sabores de Picos, bem como os odores que exalavam pela urbe naquela época, que por mais que por vezes pudessem passar despercebido, isso nem sempre acontecia, pois, sinalizava-se nas entrelinhas como a “falta de higiene” no caso dos odores.

Vemos como nessa época os cidadãos estavam preocupados em com a higiene dos locais de comércio de comida como no fragmento de 1981 do jornal *Picos em Foco*. Também tomamos conhecimento dos sabores preparados por nossa entrevistada Maria Amélia da Silva como a galinhada ou galinha com arroz, costela, além das comidas culturalmente consumidas em determinadas épocas do ano como os derivados de milho no São João e os peixes na Semana Santa.

### 3.3. Poluição e mau odor: O Açougue Municipal e o Matadouro

A sujeira da cidade de Picos durante as décadas de 1970 e 1980 e até posteriormente, foi algo que se evidenciou, ao analisarmos fontes e colhermos relatos, fruto da memória dos cidadãos que viveram na cidade em tal época. O senhor Arcelino Antônio Ferraz, de 67 anos, hoje aposentado, mas que foi açougueiro por muitos anos, inclusive durante nosso recorte temporal que desde muito jovem trabalhou nessa profissão, como relata, pois seu pai também tinha a mesma profissão que passou para o filho, fala um pouco dessa sujeira e durante seu relato pudemos imaginar o cenário de fortes odores pútridos que roubavam a cena na urbe picoense. Segundo o senhor Ferraz descreveu, e ao que parece, era uma característica marcante da cidade, como pudemos notar nesse estudo através dos relatos e fontes.

O açougue municipal picoense que se localizava na Avenida Getúlio Vargas, uma das principais da cidade como já destacamos, parecia ter condições de higiene bem questionáveis mesmo para os padrões da época em que a cidade ainda se constituía essencialmente rural. O senhor Ferraz disse que se recorda que era muito comum ver “ossadas” de animais jogadas do lado de fora do açougue, “ficavam ali em frente era comum, também só tinha urubu” (Arcelino Antônio Ferraz, 2021). Como podemos perceber, a situação de desordem com ossos de animais e urubus parecia ser o cartão de visita do açougue picoense, segundo nosso entrevistado.

Podemos entender que o mau cheiro deveria ser forte para atrair dezenas de urubus. Durante nossas entrevistas uma informação que foi recorrente aos nossos entrevistados, fora a menção aos urubus. Todos eles disseram com suas palavras, que “em Picos só tinha urubu”. Os entrevistados disseram que a presença dos animais era frequente e, constantemente, rondavam a cidade em locais como o Açougue Municipal e o Mercado Público, entre outros no centro da urbe.

Quando questionei a outro entrevistado, o Senhor Miguel Arcanjo Rocha Amorim (2020), sobre a questão dos urubus, ele respondeu dizendo que “Picos só tinha matagal sabe, era só mato e terra também né, era tipo uma cidade do interior ainda, então tinha muito mato, gado solto e urubu, por que também era muito suja, era esgoto a céu aberto, num tinha saneamento... Então era muito suja”.

Seu Miguel, como é conhecido, tem 81 anos, é motorista aposentado da Prefeitura Municipal de Picos. Desempenhava a função de dirigir o caminhão de lixo durante vários anos, inclusive no recorte temporal que estudamos, de 1980 a 1990. Ele informou que a prefeitura usava como “depósito” de lixo ou lixão um terreno que ficava no próprio centro da

cidade de Picos, e que, “Depois foi que foi lá pra cima” (Miguel Arcanjo Rocha Amorim, 2020).

Apesar de não fornecer a localização exata desse terreno ou lagoa, como ele chamou algumas vezes, segundo ele ficava por trás onde hoje é o Colégio das Irmãs ou IMH (Instituto Monsenhor Hipólito), pois descreveu aquela área como sendo a maior parte terrenos baldios e matagais o que bate com nossas fontes literárias de que Picos praticamente era só, a Avenida Getúlio Vargas, como se pressupõe ao ler os estudos de Mara Gonçalves de Carvalho (2015).

A Avenida Getúlio Vargas se configura, portanto, como um ponto central que a cidade se desenvolvia ao redor, pois como sabemos foi justamente em torno dessa “Rua Velha” que se deu o desenvolvimento da cidade de Picos através da Igreja do Sagrado Coração de Jesus “igrejinha”. (CARVALHO, 2015).

É importante também lembrar que o historiador muitas vezes vai onde à fonte os leva, e como já dizia Peter Burke “A função do historiador é lembrar a sociedade daquilo que ela quer esquecer” ou como disse José Elierson de Sousa Moura “O trabalho do historiador assemelhasse ao de uma bordadeira” (MOURA, 2014, p.111). Desse modo muitas vezes tanto é preciso relembrar fatos do passado que às vezes ficam escondidos e esquecidos por vergonha, como ao falar da “sujeira” da cidade de Picos, em detrimento de falar sobre sua economia ou sobre sua “produção de mel”, às vezes é necessário também, fazer, desmanchar e refazer novamente os questionamentos certos para obter as informações pertinentes ao que se quer descobrir e ou entender assim como se faz com o bordado até encontrar “o ponto certo”.

“O pior “cartão de visitas” de Picos está mesmo estampado em quase todas as ruas do centro da cidade: os esgotos a céu aberto” é assim que se inicia a manchete “Esgotos a céu aberto” do *Jornal de Picos* de 1999, (ESGOTOS..., 1999, p.16). A matéria critica a falta de higiene presente na cidade por conta dos esgotos que escorrem livremente pelas ruas centrais e suburbanas da cidade e até principais avenidas como a AV. Getúlio Vargas. É interessante que falamos anteriormente sobre as denúncias da população sobre a falta de higiene da cidade de Picos o medo e as consequências desses esgotos pútridos trazerem enfermidades a população como também já vimos que era não só possível como realmente de fato acontecia das pessoas acabarem se contaminando por doenças infecciosas decorrentes da falta de saneamento básico na cidade de Picos.

O poder público, no entanto, não parecia estar muito apressado em resolver uma questão que já se tornara de saúde pública, pois, essa matéria, jornalística, como referido, é de 1999. Ou seja, fins da década de 1990 e o problema ainda persistia sem solução causando desconforto pelo mal cheiro, pânico na população picoinense pela questão das enfermidades



como cólera, febre tifóide e tifo como citadas pelo próprio jornal, além de ser como disse a própria fonte um péssimo cartão de visitas para uma cidade do porte de Picos.

O fragmento ainda aponta outro ponto problemático a questão de que os esgotos eram depositados no rio Guaribas “O pior de tudo é que essa imundice que [palavra ilegível] o visual de uma cidade do porte de Picos vai direto para o rio Guaribas” (ESGOTOS..., 1999, p. 16).

Essa manchete nos fez recordar da entrevista com o Senhor Miguel Amorim/ Seu Miguel que disse que “Depois que construíram aquele hospital ali acabou o rio, porque toda sujeira colocaram pra lá, toda imundice escorre pra lá” (Miguel Arcanjo Rocha Amorim, 2021). O entrevistado reclama que depois da existência do Hospital Regional Justino Luz o rio Guaribas “se acabou”, pois os esgotos do hospital também escorriam pra lá, inclusive essa prática no mínimo ambientalmente e absolutamente incorreta, para não usar adjetivos mais fortes, continua a existir e a poluir o rio até os dias atuais.

A percepção de Seu Miguel sobre os esgotos e o rio é bem relevante como indivíduo de seu tempo que expectou e viveu o antes e depois do rio Guaribas. O antes: limpo, quando servia de recurso para os que não tinham acesso a água encanada em casa, espaço de lazer e sociabilidade além de, local de esperança e sustento para os plantadores de alho e cebola. E o depois: um rio poluído, fonte de enfermidades, um rio que virou esgoto, um rio morto e sem chance de resgate. E ao que parece nunca tentaram salvá-lo.

Ainda explanando acerca da falta de higiene nesses locais que por conta disso atraíam os urubus de que falamos acima, também é interessante comentar algo que ocorreu na década de 1970. A questão da falta de higiene do Matadouro Municipal acabou se tornado uma questão sanitária de interesse público e ao mesmo tempo privada. Essa situação terminou parando nas páginas do jornal do Campus Avançado, chamado *Voz do Campus* (MOURA, 2014. p. 110).

Durante visita ao Matadouro Municipal, como destaca José Elierson de S. Moura (2014), os universitários que tinham ido até lá para desenvolver um curso de inspeção de carnes, chocaram-se com o que viram e sentiram. Ao que parece os odores eram tremendamente desagradáveis e que a experiência no açougue foi tão nauseante que além de ter gerado denúncia através do referido jornal acima, também fez com que os estudantes resolvessem apelar para autoridades e pedir por mudanças nesse Cenário “imundo”.

As alegações eram de que aquele local poderia “fabricar” e dissipar doenças, do jeito que se encontrava. Então, as autoridades acharam por bem que todos os funcionários, os magarefes/ açougueiros, fizessem exames para ver se não tinham nenhuma doença.

Podemos entender então que como o Matadouro Municipal certamente era responsável pelo abastecimento de carne para boa parte da população picoense, não tinha condições de higiene satisfatórias. Isso terminou por causar desconfortos e denúncias, e a população que certamente consumia aquelas carnes não mais se sentiu segura ao pensar na sujeira e imundice do local, pedindo as autoridades através dos jornais por melhores condições sanitárias para o local. Até mesmo as pessoas que trabalhavam lá foram alvo de preocupação como José Elierson Moura afirma, foram tanto tomadas medidas sanitárias para com o espaço, como os próprios trabalhadores de lá foram submetidos a exames para saber se não tinham doenças.

### 3.4. Espaços de sociabilidade

O entrevistado Manoel Pedro da Luz (2020), morador da cidade de Picos, no bairro Ipueiras, desde os 17 anos, em entrevista para este estudo, relatou que geralmente ele e os jovens de 18 ou 19 anos, nos anos 1980 e 1990, gostavam de se reunir nas casas uns dos outros, para jogar dominó e beber pinga ou cerveja. Disse ainda não era frequentador dos clubes conhecidos que havia na época como a AABB, que se atinha mais ao trabalho e apenas bebia “Na Ipueira mesmo” com seus amigos. Ele disse ainda que para ele “a marca registrada de Picos é a cerveja, cerveja é bebida de homem o resto é conversa”.

No entanto, outros entrevistados relembram o quanto adoravam frequentar os espaços de lazer e diversão de Picos na época de sua juventude. Como vimos no fragmento do jornal *O Macambira* (O QUE FAZER NESTAS FÉRIAS...,1978), havia espaços preferidos pelos jovens como, a AABB, como citamos acima, a boate LÁ IN KASA, a boate Saravá. Entre outros espaços citados como “ponto de encontro” dos jovens como a Praça Félix Pacheco e o Cine Spark.

Douglas Nunes (2021), em entrevista para esse estudo disse, que já foi locutor na Rádio Difusora de Picos, hoje é aposentado e se dedica a vários empreendimentos literários e cinematográficos, e relembra que a boate Lá In Kasa era um dos espaços que ele gostava de frequentar quando jovem. De acordo com o seu relato a boate/danceteria ficava localizada no centro da cidade de Picos. Ele até relembra uma situação inusitada ocorrida nesse espaço de sociabilidade:

[...] Mas à noite o movimento era grande de rapazes e moças e até de mais velhos. Os espaços eram democráticos, não havia impedimentos a não ser de crianças. Lembro que na Boate Lá In Kasa, vimos o funcionário da boate pedir (sic) que umas pessoas se retirassem porque havia meninas menores de idade e aconteceu até uma confusão porque os mesmos não quiserem se retirar. (Douglas Nunes, 2021).

Outro frequentador da referida boate era o senhor Solimar Caminha (2021), que também nos concedeu uma entrevista, onde falou de suas lembranças em contribuição para esse estudo. O senhor Caminha disse que ele e os outros jovens, gostavam de ir para a boate para “dançar, conversar, palestrar, namorar e beber também”. Desse modo a boate também servia para, que os jovens se conhecessem melhor, conversassem sobre assuntos variados, e formassem quem sabe namoros que viriam a se tornar uniões matrimoniais, assim como também acontecia na Praça Félix Pacheco como tomamos conhecimento através do estudo de Carvalho (2015).

Outro espaço relatado como espaço de lazer e recordações foi a boate Saravá que ficava no Bairro Catavento, o Cine Spark e a supracitada praça. Assim como tomamos dimensão das relações existentes entre as pessoas para com a boate Lá In Kasa, tentaremos fazer o mesmo com o Cine Spark e a Praça Félix Pacheco, trazendo a luz as recordações e experiências contadas por nossos entrevistados.

A cozinheira aposentada do Mercado Público de Picos, nossa entrevistada Maria Amélia da Silva, também relembra que adorava frequentar o Cine Spark nos finais de semana, fala das barraquinhas de pipoca e balas que havia em frente ao cinema, na Praça Félix Pacheco. “Tinha, tinha umas vendas de balinha, pipoca, mais era (sic) na frente da praça, depois de uns anos começou o povo vender muita comida lá, era milho assado, lanche, essas coisas, pelo que eu lembro” (Maria Amélia da Silva, 2021).

Dessa forma, as representações de Picos com relação à sensibilidade, sociabilidade, sabores e odores, são as mais diversas como era de se esperar. Porém, é possível identificar padrões de representações da cidade. Como o odor da sujeira e dos esgotos, mas também o cheiro bom de alho e cebola. Os jovens que se reuniam para beber pinga ou cerveja na Ipueiras (Manoel Pedro da Luz, 2020), beber e dançar e palestrar na boate Lá In Kasa, ou fazer piqueniques (Solimar Caminha, 2021), ou até mesmo os jovens que se reuniam para irem juntos à Praça Félix Pacheco conversar e comer pipoca, ir aos clubes como AABB e o Clube Picoense para dançar ou quem sabe pegar um cinema no Cine Spark, retornar para a praça e conhecer um garoto ou garota bonita e se apaixonar e quem sabe até casar.

Seja como for, o que não faltava na cidade de Picos eram lugares para conhecer, como indicava o “Manual das férias”, publicado no ano de 1978 no jornal *O Macambira*. Esse “manual” tratava-se de uma lista de locais para os picoenses desfrutarem no tempo livre ou como o título supõe, principalmente nas férias.

Os locais citados na lista eram: a AABB, Samambaia Clube, Indústrias Coelho (na área de lazer), 3º BEC (na área de lazer), DNER (piscinas); Churrascaria do Gaúcho (bairro

Junco), Churrascaria da Altamira, Restaurante da Rodoviária; na categoria de bares e boates os recomendados eram: Casarão, LÁ IN KASA, Saravá, Mangueira e lanchonete Ideal (Junco); o Cine Spark também estava na lista dos destinos “badalados” para se frequentar em Picos em 1978 segundo esse fragmento do jornal Macambira (O QUE FAZER NESTAS FÉRIAS, 1978. p. 18). Dessa maneira nossa pretensão nesse tópico foi apresentar um pouco mais das histórias presentes na memória dos nossos entrevistados acerca desses espaços, como a Lá In Kasa, que outrora foram muito importantes na formação das relações entre os jovens e adultos picoenses e que hoje existe apenas na memória desses cidadãos.

Além desses espaços, acima citados, nossos depoentes também relataram diversas outras formas e locais de diversão e lazer que os jovens da época desfrutavam. O entrevistado Douglas Nunes (2021) acrescentou que “Mestre Carrinho no Bairro Ipueiras, era um espaço ao lado da casa do mesmo, onde havia um bar e nos fundos uma piscina com espaço para conversar e bebericar, degustar salgadinhos, carne assada e etc. Já o Senhor Solimar Caminha (2021), destacou os piqueniques na Zona Rural e as festas de bairros, organizadas pelos próprios moradores:

[...]Tinha a questão dos piqueniques fazia os piqueniques também, marcava uma turma de jovens e fazia piquenique no interior caçava um interiorzin (sic) por aí, festinhas também tinha as festas de bairros a gente promovia aquelas festas de bairro de radiola [...] (Solimar Caminha, 2021).

Em clubes ou em praças, como indica os estudos de Maria de Fátima Santana (2018), estes espaços se tornaram importantes locais de sociabilidade no Brasil até a década de 1980. “No Brasil até os anos de 1980 as praças ocuparam posições de destaque no que se refere a lazer e sociabilidade das cidades e repassavam uma imagem de tranquilidade, eram palco de inusitadas histórias, cenário de vários acontecimentos” (SANTANA, 2018, p. 11).

Portanto, o importante é que os picoenses socializaram no seu tempo e a seu modo deixando muitas histórias para serem conhecidas. Na Praça Felix Pacheco, por exemplo, poderíamos destacar os sabores como os das balinhas vendidas em frente ao cinema, a pipoca que exalava seu cheiro no ar avisando aos transeuntes que mais uma sessão estava iniciando, ou quem sabe mais tarde o mais marcante no centro da urbe picoense não fosse os odores naturais das pessoas que passavam por ali exalando o suor depois de “se acabarem de dançar” na Lá In Kasa.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossa pesquisa visou trabalhar a parte mais sensível do cotidiano da urbe picoense, como suas representações urbanas, seus sabores e seus odores. Além de trazer aspectos de contextualização dos momentos citados e buscando sempre fazer uma ponte do presente com o passado histórico cultural da cidade de Picos Piauí, com enfoque nas décadas de 1980 e 1990.

Pudemos entender que a “cidade modelo” teve e ainda tem muitos problemas relacionados à sua urbanização que ocorreu de forma desordenada e sem planejamento como os problemas causados pela falta de saneamento básico, em alguns locais, ou da deficiência desses serviços oferecidos, causava transtorno, mau cheiro nas ruas e até doenças na população picoense como foi o caso do surto de esquistossomose ou barriga d’água.

No entanto, vimos também que embora a cidade por vezes seja representada como sendo suja e mal cheirosa, em outras vezes serve como modelo para o Piauí por dentre outras razões a sua cultura das plantações de alho e cebola que exalavam seu odor por todo o leito do Guaribas e por todo o centro quando levadas para a tradicional feira livre, uma das maiores do Nordeste, como bem destacou Ozildo Batista de Barros (1984).

Dessa maneira, a cidade de Picos e suas nomenclaturas diversas, são um espelho das “várias Picos” que já existiram na mentalidade dos autores estudados e da própria população que viveu durante as décadas de 1980 e 1990. Com espaços de sociabilidades variados e seus cheiros e sabores característicos que contam a história da cidade, a urbe picoense representa muito bem o título de “Gigante do sertão” trazido por Carvalho (2015, p. 42.)

Pois a urbe picoense comporta diversas histórias, vivências, experiências de sociabilidade e sensibilidade, dentro de uma mesma cidade, que em 12 de dezembro de 2020 completou 130 anos.

## REFERÊNCIAS

- ALERP, Academia de Letras da região de Picos. Disponível em: <<http://alerp.com.br/academico/patrono/francisco-das-chagas-bezerra-rodrigues>>. Acesso em: 20 jun. 2020.
- AMORIM, Miguel Arcanjo Rocha. **Entrevista concedida a Jessilane de Sousa Pereira**. Picos-PI, 27 abr. 2021.
- AVILA, Cristiane Regina Silveira de. **A crise dos anos 80 e a busca da estabilização- As experiências das economias Argentina e Brasileira**. Orientador: Professor Dr. Adayr da Silva Ilha. 2007. 80 p. Dissertação (Mestrado em Integração Latino-americana) - Universidade Federal de Santa Maria Centro de Ciências Sociais e Humanas, Santa Maria, 2007.
- BARBOSA, Francisco de Moura. **Perdi meu Tempo: poesia e prosa**. 1976.
- BARROS, Ozildo Batista. **Das Pedras aos Picos**. Ed. Cirandinha, 1984.
- BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Uma visão do campus avançado pelo Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras e Fundação Projeto Rondon. Brasília, MEC/DDD, 1980.
- CAMINHA, Solimar. **Entrevista concedida a Jessilane de Sousa Pereira**. Picos-PI, 19 abr. 2021.
- CARVALHO, Mara Gonçalves de. A importância do patrimônio histórico para a preservação da memória e da história de Picos-PI, do final do século XIX e início do século XX. In: **Anais [recurso eletrônico] / XII Encontro da Associação Brasileira de História Oral**, 6, 7, 8 e 9 de maio em Teresina, PI; Márcia Ramos de Oliveira (Org.) – Teresina, UFPI, 2014. Disponível em: <<http://www.encontro2014.historiaoral.org.br/site/anaiscomplementares>>. Acesso em: 21 jun. 2021.
- CARVALHO, Mara Gonçalves de. **Picos: história, desenvolvimento e transformação do centro histórico (1970)** / Mara Gonçalves de Carvalho. Teresina-PI: UFPI, 2015. (Dissertação – Mestrado em História do Brasil – Programa de Pós-Graduação em História do Brasil da Universidade Federal do Piauí)
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- CODIGO de Postura Municipal da cidade de Picos-PI. Lei nº1465, 18 de junho de 1987.
- CORBIN, Alain. **Saberes e Odores: o olfato e o imaginário social nos séculos XVIII e XIX**/ Alan Corbin: tradução Lígia Watanabe. – São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- CORÇÃO, Mariana. O folclórico Bar Palácio e os tempos da memória gustativa. In: **SÆculum** – Revista de História [23]; João Pessoa, jul./ dez. 2010. p. 61-74. Disponível em <http://periodicos.ufpb.br/index.php/srh/article/download/11520/6617>. Acesso em 25 nov. 2015.
- CORRÊA, Roberto Lobato. **O espaço urbano**. São Paulo; Ática, 1989.

DUARTE, Renato. **Picos: Os verdes anos cinquenta** / Renato Duarte. – 2. Ed. ver. Ampl. – Recife: [s.n],1995 (Gráf. Ed. Nordeste) 218p.:Il

ESGOTOS A CÉU ABERTO. **JORNAL DE PICOS**. Picos, 1999. p. 16.

ESQUISTOSSOMOSE. **O Macambira**. Picos-PI, 31 mar. 1980, p.12.

FERRAZ, Arcelino Antônio. **Entrevista concedida a Jessilane de Sousa Pereira**. Picos-PI, 27 abr. 2021.

FREITAS, Sônia Maria de. **História oral: possibilidades e procedimentos** / Sônia Maria de Freitas. 2. ed. – São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.

FORTUNA, Carlos. **Identidades, percursos, paisagens culturais**:: estudos sociológicos de cultura urbana. Coimbra: Celta Editora, Lda, 2013. 161 p.

FOTO VARÃO – memórias. [Feira livre de Picos – O vendedor de alho]. [25/10/2016] Álbum A cidade de Picos - anos 60/70. Disponível em: <<https://www.facebook.com/fotovaraomemorias/photos/a.432659536889024/706217646199877>> Acesso em: 24 ago. 2020. 1 fotografia p & b.

HISTÓRIA DA INFLAÇÃO no Brasil. **ADVFN**. Disponível em: <<https://br.advfn.com/economia/inflacao/brasil/historia>>. Acesso em: 20 jun. 2020.

LACERDA, Maria Aparecida de. Saneamento – um mal que atinge a população de Picos. **O Macambira**. Ano IV, n 77, Picos 31 ago. 1981, p. 3.

LE GOFF, Jacques, 1924 **História e memória** / Jacques Le Goff; tradução Bernardo Leitão ... [et al.] -- Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990.

LUZ, Manoel Pedro da. **Entrevista concedida a Jessilane de Sousa Pereira**. Picos-PI, 27 mar. 2020.

MOURA, José Elierson de Sousa. **OS MÚLTIPLOS DIZERES SOBRE A CIDADE**:: a invenção discursiva da pobreza em picos (1970-1979). 2014. 180 f. TCC (Graduação) - Curso de História, Universidade Federal do Piauí, Picos, 2014.

NOSSA HISTORIA. Projeto Rondon, [s.d.] Disponível em: <<https://projektorondon.defesa.gov.br/portal/index/pagina/id/9718/area/C/module/default>>. Acesso em: 25 ago. 2020.

NUNES, Alberto de Deus. Sou triste. In: **O Macambira**. [s/d], p. 6.

NUNES, Douglas Moura. **Entrevista concedida a Jessilane de Sousa Pereira**. Picos-PI, 22 abr. 2021.

O QUE FAZER NESTAS FÉRIAS. **O Macambira**. Picos-PI, 20 dez. 1978, p. 18.

PESAVENTO, Sandra Jatthy. **Cidades visíveis, Cidades sensíveis, Cidades imaginárias**. In: Rev. Bras. Hist., São Paulo, v. 27, n. 53 de junho de 2007. Disponível em: <[https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-01882007000100002&script=sci\\_arttext](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-01882007000100002&script=sci_arttext)>. Acesso em: 24 abr. 2010.

PICOS City Tour 90's. [S. l.], 2020. 1 vídeo (26 min). Publicado pelo Canal Expedito Filho. Disponível em: <https://youtu.be/q1AuOCF1tA> Acesso em: 21 jun. 2021.

PICOS City Tour 90's. [Parte do mercado Público, em 1990.] Picos-PI, 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=q1AuOCF1tA&list=PLZ3AhbEqwhmk3xtu6oGEqSBY6YwkSaB7u&index=64>>. Acesso em: 21 jun. 2021. 1 foto color.

PICOS City Tour 90's. [Parte do Mercadinho, em 1990.] Picos-PI, 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=q1AuOCF1tA&list=PLZ3AhbEqwhmk3xtu6oGEqSBY6YwkSaB7u&index=64>>. Acesso em: 21 jun. 2021. 1 foto color.

PICOS City Tour 90's. [Praça Félix Pacheco, em 1990.] Picos-PI, 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=q1AuOCF1tA&list=PLZ3AhbEqwhmk3xtu6oGEqSBY6YwkSaB7u&index=64>>. Acesso em: 21 jun. 2021. 1 foto color.

PICOS EM FOCO. **O Macambira**. Picos-PI, 31 jul. 1981, p. 2.

POLLAK, Michael. **Memória e identidade social**. In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, nº 10, 1992

POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio**. In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro: vol. 2, nº 3, 1989.

RIBEIRO, Priscila Moura. **Juventude e lugares de sociabilidade na cidade de Picos (Década de 1980)**. Picos-PI: UFPI, 2014. (Monografia do curso de História – Universidade Federal do Piauí/ Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, 2014).

SANEAMENTO BÁSICO. **O Macambira**. Ano IV, n 77, Picos-PI, 31 ago. 1981, p. 2.

SANEAMENTO preocupa autoridades e o povo. **O Macambira**. Ano IV, n 77, Picos-PI, 31 ago. 1981, p. 3.

SANTANA, Maria de Fátima de Moura. **Praça Félix Pacheco: Memória, Lazer e Sociabilidade em Picos (Década de 1990)**. Picos-PI: UFPI, 2018. (Monografia do curso de História – Universidade Federal do Piauí/ Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, 2018).

SANTOS, Heraldo; BARBOSA, Genilda; FONTES, Mundica. **Mutação**. Picos, 1985.

SILVA, Maria Amélia. **Entrevista concedida a Jessilane de Sousa Pereira**. Picos-PI, 13 mai. 2021.

SOLTARAM os animais na cidade. [Animais nas ruas do centro de Picos, em 1983] **O Macambira**. Ano IV, n 97, Picos-PI, 28 fev. 1983, p. 1. 1 fotografia p & b.

SOUZA, J. Erivelto M. de. “Picos dos Borges Leal” In: **Enigma** / J. Erivelto M. de Souza. Edições Bagaço. 1995.





TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA BIBLIOTECA "JOSÉ  
ALBANO DE MACEDO"

Identificação do Tipo de Documento

- ( ) Tese  
 ( ) Dissertação  
 (X) Monografia  
 ( ) Artigo

Eu, Jessilane de Sousa Pereira, autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de Fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de 02 de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar, gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação Axomas e esquemas urbanos: representações sensíveis do viver cotidiano em Picos-PI nas décadas de 1980 e 1990. de minha autoria, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, pela internet a título de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Picos-PI 08 de Dezembro de 2021

Jessilane de Sousa Pereira  
Assinatura

\_\_\_\_\_  
Assinatura

